# ILUSTRAÇÃO

1.º ANO — Número 22 Lisboa, 16 de Novembro de 1926 PREÇO 4$00

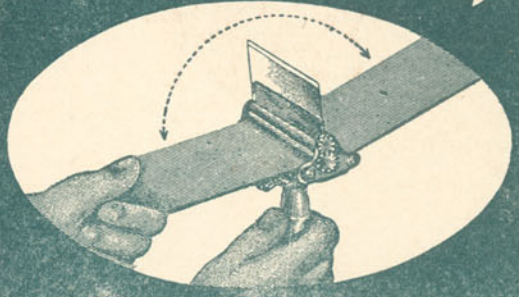
# Objectos de Arte Oriental

Finas porcelanas chinezas de diversas epocas, bronzes, sedas, cloisomées, etc.

Ricos moveis em pau preto estilo chinez com embutidos em madre-perola, satzumas, etc.

Vendem-se por motivo de retirada — Avenida Marquez de Tomar, 37, 3.º, D.º - LISBOA

## Máquina de barbear "VALET" Auto Strop



Economisa continuas despezas de laminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

1º Dispositivo suavisador que permite dar á lamina em dez segundos um fio finissimo sem haver necessidade de retirar á lamina da maquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.

2º Graças á qualidade do aço as laminas podem servir 50 vezes ou mais, economisando continuas despezas de laminas novas.

3º A limpeza é extremamente facil, não havendo necessidade de retirar á lamina nem de desaparafusar ou desmontar nenhuma peça.

Agencia: Lachaud, 44 Rua dos Fanqueiros Lisboa

## VERAMON

**Se sofre de dores é porque o quer.**

Tomando um ou dois comprimidos de VERAMON SCHERING desaparecerão rapidamente suas dores da cabeça, dos dentes, assim como os incomodos da menstruação. O Veramon não produz sôno, nem ataca o coração. Aceite só o empacotamento original: tubos de 10 comprimidos de 0,4 gr.

Chemische Fabrik auf Actien (vorm. E. SCHERING.), Berlin N. 39

A mão de obra do operario consciente é de um grande valor na construção dos automóveis de maior categoria, porém, em muitas operações do fabrico a destreza humana ainda que no mais alto grau, torna-se insuficiente. A fabricação do automóvel LINCOLN seria impraticável sem as fórmulas de alta precisão nela empregadas pelos mais modernos processos mecânicos.

Que vista ou que tacto pódem conseguir a justeza de peças a uma precisão de um, dois ou mesmo dez milêssimos de polegada?

Êste é, sem contestação, o maior grau de precisão a que se ajustam milhares de peças no fabrico dos automóveis LINCOLN. Jámais na fabricação de qualquer produto manufacturado se chegou a um tão alto grau de perfeição.

# LINCOLN

FORD MOTOR COMPANY, S. A. E. - BARCELONA

# UM BRINDE DO NATAL

## Uma Biblioteca Escolhida para a minha filha

### LITERATURA FRANCESA

**DELLY:**

Esclave... ou Reine? — Entre deux âmes. — La Fin d'une Walkyrie. — La Petit Chanoinesse. — Sous le masque. — Le Secret du Kou-kou-noor.

**M. DELLY:**

Dans les ruines. — L'Exilée. — Une Femme supérieure. — Les Hiboux des Roches Rouges Magali. — La Maison des Rossignols. — La Vengeance de Ralph.

**GUY CHANTEPLEURE:**

Fiancée d'Abril. — Les Ruines en Fleurs. — Âmes Féminines. — Sphinx Blanc. — L'Aventure d'Huguette. — Le Baiser au Clair du Lune. — La Folle Histoire de Fridoline. — Le Hasard et L'Amour. — Malencontre. — La Ville Assiégée. — Ma Conscience en Robe Rose. — La Passagère.

**HENRY ARDEL:**

Le Rêve de Suzy. — Cœur de sceptique. — Rêve blanc. — Mon Cousin Guy. — Renée Orlis. — Un Conte bleu. — L'Heure decisive. — Seule. — Tout arrive. — Il faut marier Jean! — L'Été de Guillemette. — Le Mal d'aimer.

**HENRY BORDEAUX:**

La Robe de laine. — La Croisées des chemins. — Les Roquevillard. — La Amour en fuite — Le Peur de Vivre. — La Nouvelle Croisade des enfants.

**M. MARYAN:**

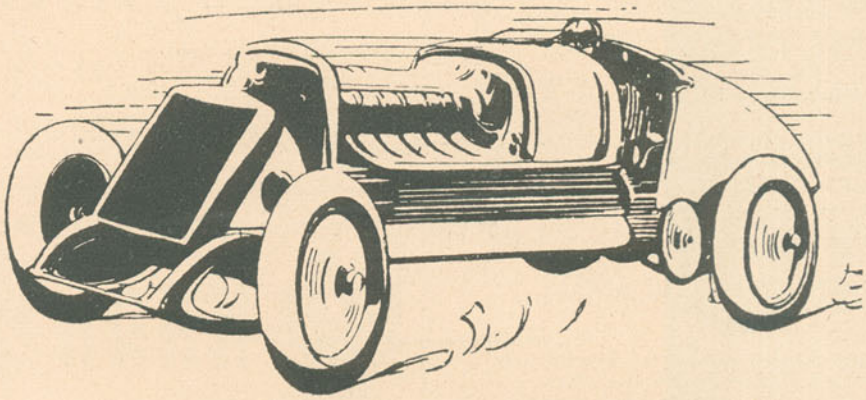
Annunziata. — Les chemins de la Vie. — Chimères. — Une cousine pauvre. — Denise. — Une dette d'honneur. — Une Faute. — La maison de Famille. — Méprise. — Le Prieuré. — Roman d'automne. — Le Roman de Rémie — La Rose Bleu.

***A' venda nas***

**LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND**

**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**

# Mais um record



O Snr. Parry Thomas, conduzindo o seu carro de corridas com motor de aviação de 400 c. v. em «Pendine Sands» (Galles) bateu o record do mundo de velocidade uzando gazolina e oleo SHELL.

O anterior record do mundo estabelecido por Malcolm Campbell tambem foi usando gazolina e oleos SHELL.

*Automobilistas, segui o exemplo dos peritos e escolhei sempre SHELL*

**Shell Gazolina & Oleos de Lubrificação**

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º LTD.

# BIBLIOTECA ROSA

Biblioteca selecta para meninas, organizada pela escolha dos melhores autores nacionais e estrangeiros. A leitura mais atraente e saùdàvel; páginas, por vezes, dum romanesco empolgante que cativam e enternecem o espírito e desenvolvem a inteligência. — Edição ilustrada, com encadernações próprias em percalina e a média de 310 páginas cada volume

## Volumes publicados

**Alguns Anos Depois,** por *M. Paula d'Azevedo.*
**Casa do Saltimbanco,** por *Madame de Stolz.*
**Desastres de Sofia,** pela *Condessa de Ségur.*
**A Férias,** pela *Condessa de Ségur.*
**Infâncias Célebres,** por *Madame Louise Collet.*
**Memórias de Um Burro,** pela *Condessa de Ségur.*
**Meninas Exemplares,** pela *Condessa de Ségur.*
**No Colégio da Ameixoeira,** por *M. Paula d'Azevedo.*
**Quatro Raparigas,** por *M. Paula d'Azevedo.*
**Que Amôr de Criança,** pela *Condessa de Ségur.*
**Robinson Crusoè,** versão portuguesa de *Manuel Pinheiro Chagas.*

Cada volume com encadernação especial e de luxo . . . **12$00**

**Pedidos aos editores:**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Grande Novidade em Perfumaria

# "VELOUTY DIXOR"

21, Rue Faidherbe — PARIS

Substitue o CRÊME e o **PÓ D'ARROZ SEM MANCHAR** os vestidos. Lava-se com agua ordinaria. Existe em tres côres: BRANCO, NATURAL e MARFIM.

Nenhum produto o póde egualar para a BELEZA do **ROSTO**, das **MÃOS**, dos **BRAÇOS** e do **DECOTE**.

**Leia-se bem!** **NÃO MANCHA A ROUPA** e para proval-o, envia-se uma amostra gratuita e um prospecto elucidativo a quem o requisitar indicando o nome desta revista aos agentes:

JULES DELIGANT, L.da — 15, Rua dos Sapateiros-LISBOA

# A PHOSPHATINE FALIÈRES

misturada com o leite é o alimento o mais agradavel e o mais recommendado para as creanças desde a idade de 7 a 8 mezes sobretudo ao momento da ablactação e durante o periodo da crescidão.

Util aos estomagos delicados, aos velhos e aos convalescentes.

Maison CHASSAING (G. PRUNIER & C.ie), 6, Rue de la Tacherie, PARIS

PETROLEO M. d. F.

PETROLE HAHN POUR LES CHEVEUX

# HAHN

PARA O CABELO

*Loção fortificante e regeneradora, indispensavel para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira*

FRASCO GRANDE 20$00 FRASCO PEQUENO 14$00

VENDA POR GROSSO

*Agentes depositarios:* *J. DELIGANT, L.da*

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA

# Gaspar R. Cardoso & C.a, Suc.or

## FÁBRICA DE CORREIAS PARA MÁQUINAS

Rua da Porta do Sol, 22 **PORTO** Telefone: 1042

**Fábrica de Cortumes «A CONTINENTAL» - Ponte da Pedra - PORTO - Telef. 13 S. Mamede**
**Fábrica de Cortumes - Travessa da Povoa, 4 - PORTO - Telef. 2361**

Fabricantes de cabedais em todos os géneros — Especialidades em: Seleiro, vitelas, atanados, croupons para correias, solas, correias para máquinas, calçado, etc., etc.

Depósito em LISBOA: Rua dos Fanqueiros, 262, 1.º — Telef.: Central 2498
Endereço Telegráfico Geral: CABEDAL-PORTO e CABEDAL-LISBOA

**Premiado na Exposição do Rio de Janeiro com medalha de ouro e "gran-prix" e Industrial Portuguesa, no Porto, em 1926, com medalha de ouro**

ESCRITÓRIOS E ARMAZEM:

Rua de Santo Ildefonso, 33-45 — Telef. 657 — **PORTO**

# Grip-fix

A COLA IDEAL

ACEIO — ECONOMIA — RAPIDEZ

Não se entorna, colando imediatamente após a sua aplicação **Preço 10$00**

Únicos representantes para Portugal e Colónias:

AILLAUD, LIMITADA

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

## Edições da Biblioteca Nacional

*Anais das Bibliotecas e Arquivos*. Revista trimestral. 3 vols., 12 n.os Número avulso 6$00
N.os 1 e 3 (Esgotados)
*Guia de Portugal*, 1.º vol, sob a direcção de Raul Proença 50$00
*Actologia dos Economistas Portugueses*. Seculo XVII. Obras em português. Selecção, prefácio e notas por António Sérgio 15$00
*Bosquejo da historia de Portugal*, por António Sérgio 2$00
*Guia de Evora e seus arredores*, sob a direcção de Raúl Proença 4$50
Tiragem especial 10$00
*Bibliografia das bibliografias portuguesas*, por António Anselmo 7$50
*Dispersos*, de Oliveira Martins. 2 vols., coordenado e prefaciado por António Sérgio 20$00
Tiragem especial 50$00
*Recreação Periodica*, pelo *Cavaleiro de Oliveira*. Pref. e trad. de Aquilino Ribeiro. 2 volumes 10$00
Tiragem especial 40$00
*Marco Paulo*. Reimpressão de edição de *Valentim Fernandes*, por Esteves Pereira 8$00
Tiragem especial 18$00
*Processo dos Távoras*, publicado sob a direcção de Pedro de Azevedo 7$50
*Catálogo ideográfico. Sub-rubricas gerais* 1$20
*Instruções relativas á aquisição de verbetes da Biblioteca Nacional* (Esgotado)
*Lusíadas*. Edição fac-simile da 1.ª edição do poema, com aparato critico de José Maria Rodrigues 50$00
Tiragem especial (Esgotada)
*O papel como elemento de identificação*, por Arnaldo Faria de Ataide e Melo 5$00
*Os Codices Alcobacenses da Biblioteca Nacional*, por António Anselmo 5$00

# MATERIAL ESCOLAR

Fornecemos ao preço dos fabricantes tôda a qualidade de material em grandes e pequenas quantidades, tais como: Estojos para desenho, réguas, quadros, esquadros, pedras, quadros em pedra, canetas, lápis, tinta, borrachas, etc., etc. Os pedidos dêste material para fora do Continente Português devem vir sempre acompanhados da respectiva importância

**Glôbos Geográficos** — *Glôbo Celeste*, montado sôbre pé de bronze, Escudos 170$00. *Glôbos Terrestres*, Idem, 0m,45 diâmetro, Esc. 230$00 — 0m,33 diâmetro, Esc. 170$00 — 0m,16 diâmetro, Esc. 45$00 — 0m,08 diâmetro, Esc. 20$00. *Glôbos Terrestres*, (com meridiano), montados sôbre pé de bronze, 0m,33 diâmetro, Esc. 230$00

*Mapas Parietais* — Das cinco partes do mundo, por *J. Monteiro*, em fôlhas de 1m,35 × 1m,10

*Europa — África — América do Norte — América do Sul — Oceania — Mapa Mundi*

Cada mapa em fôlhas 15$00

Pedidos às Livrarias

AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# BONS LIVROS

## Antero de Figueiredo

*Cómicos* (novela): 8$00 — *Doida de Amor* (novela): 8$00 — *D. Pedro e D. Inês* (romance): 10$00 — *D. Sebastião* (romance): 12$00 — *Espanha:* 12$00 — *Jornadas em Portugal:* 12$00 — *Leonor Teles,* (romance): 10$00 — *Recordações e Viagens:* 10$00 — *Senhora do Amparo:* 9$00.

## Aquilino Ribeiro

*Anatole France* (Estudo): 3$00 — *Estrada de Santiago* (contos): 10$00 — *Filhas da Babilónia* (novelas): 10$00 — *Jardim das Tormentas* (contos): 10$00 — *Terras do Demo* (romance): 10$00 — *Via Sinuosa* (romance): 10$00.

## Raul Brandão

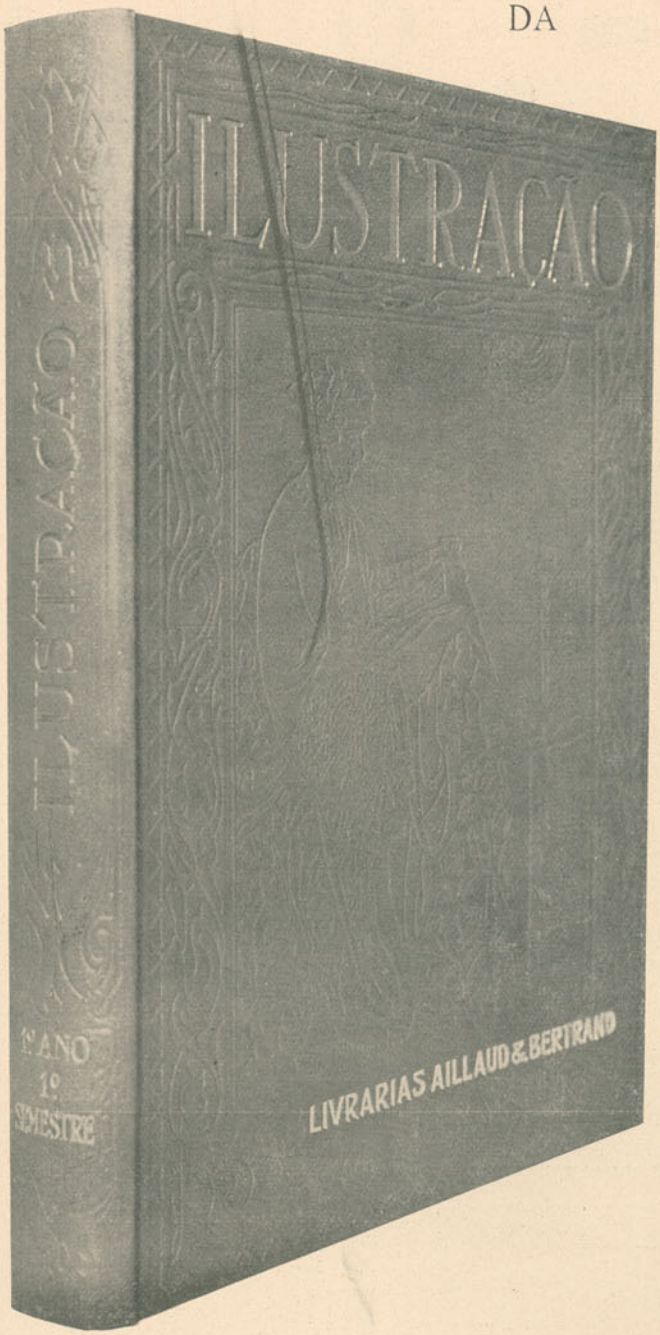
*Memórias,* 1.° e 2.° volumes: cada, 10$00 — *Farsa,* 10$00 — *Humus,* 10$00 — *Os Pescadores,* 10$00 — *Os Pobres,* 10$00.

## Pedidos ás Livrarias AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

# Capas para Encadernação

DA




1.º ANO

1.º SEMESTRE

Cada volume encadernado

**Esc. 68$00**

Capa em percalina com ferros especiais

**Esc. 12$00**

Capa e encadernação

**Esc. 20$00**

. . .

Pedidos aos editores:

LIVRARIAS
AILLAUD E BERTRAND
*73, Rua Garrett, 75*
LISBOA

Todos os coleccionadores e assinantes da «ILUSTRAÇÃO» que queiram encadernar o 1.º semestre devem remeter os doze primeiros números à redacção, Rua Anchieta, 25 — Lisboa.

Os volumes devem ser encadernados com as páginas dos anúncios e respectivas capas de brochura

# GLOBÉOL

## fortifica

Sob a acção do Globéol liquido a criança mais anemiada e mais debil renasce por assim dizer devido à proliferação dos globulos vermelhos e ao seu enriquecimento em hemoglobina e em fermentos do sangue.

Sob a forma
**liquida**
o Globéol, agradavel de tomar é particularmente recomendavel para as crianças. É o reconstituinte ideal.

Établissements Chatelain
15 Grands Prix
2, rue de Valenciennes, Paris, e em todas as farmacias

**Anemia**
**Crescimento**
**Fadiga escolar**

A. VINCENT Loa – CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL E COLONIAS – RUA IVENS, 56 – TEL. 1858 C.

AS MEIAS de LINHO
do PRINTEMPS dd
são de qualidade
GARANTIDA
Venda exclusiva
AU PRINTEMPS. R. Ivens 56 LISBOA

TEINDELYS
Creme para o rosto
dá uma Côr de Lyz
Mantem o pó e assegura uma excelente carnação
ARYS 3, rue de la Paix PARIS

TEINDELYS
ARYS
3, Rue de la Paix
PARIS
Pó adherente
Impalpavel
(todas as cores)

UN JOUR VIENDRA
Perfume
Perturbante
Penetrante
ARYS 3, rue de la Paix PARIS

DENTIFRICOS
PASTA, PÒ, OU SABÃO
DOS RR PP
BENEDICTINS
DE SOULAC

O BENEDICTIN de SOULAC é o unico DENTIFRICO cujas qualidades hygienicas são appropriadas aos cuidados da bocca. E absolutamente inoffensivo
O BENEDICTIN è um producto francez UNIVERSALMENTE ADOPTADO
REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL
A. VINCENT, Rua Ivens 56, LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA EMPRÊSA DO ANUÁRIO COMERCIAL
P. dos Restauradores, 24-Lisboa

# ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:
AILLAUD, L.DA
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO I.º — NÚMERO 22 — PUBLICAÇÃO QUINZENAL — 16 DE NOVEMBRO DE 1926

O IV ANIVERSÁRIO DA MARCHA SÔBRE ROMA — Fot. ENIT

As delegações fascistas reunidas no coliseu romano

# CRÓNICA DA QUINZENA

## ALTOS E BAIXOS

A crónica alonga olhos curiosos pela quinzena decorrida e com surprêsa — que de tantas vezes renovada já não tem direito a ser surprêsa — verifica que neste país, cultivador da mesmice, ocorreram na quinzena os mesmos factos, horrivelmente banais e tremendamente corriqueiros com que se não assinalaram as quinzenas anteriores.

Rigorosamente a diferença que marca a ultima quinzena decorrida sôbre a que a antecedeu consiste em que o sol — pelo menos na hipótese brumosa dos dias chuvisquentos — se levantou mais tarde e se deitou mais cêdo, como exemplo e estímulo para os encatarroados, a quem a humidade e o frio obrigam a trocar pela quentura dos cobertores o flanar alegre das ruas.

Esta diferença de natureza meramente astronómica interessa mais ao «Borda d'Agua» que à crónica duma revista quinzenal, anciosa, por dever e curiosidade, de fixar factos que tenham, imediata ou remotamente, uma certa dose de importância social, política, artística ou de simples curiosidade de espírito.

O que houve, que mereça registo e comentário? Altos e baixos, que caracterisam a vida diária dum país, cujos grandes factos parece estarem para todo o sempre fechados entre as grades de ouro da História e da Epopea. Algumas freguezias fôram elevadas às honras de concelho, algumas povoações ascenderam a freguezia, alguns géneros de primeira necessidade, esgueirando-se através do apêrto das medidas governamentais, subiram disfarçadamente uns centavos ou uns escudos nos preços: foram os altos da quinzena. Caiu chuva, caíram casas, caíram alguns ingénuos em acreditar que em pacotes de jornais velhos lhes vinha parar às mãos uma fortuna: êstes foram, na quinzena, os baixos.

*

É velho, inveterado e incurável hábito dos cronistas queixarem-se da escassez ou da banalidade dos assuntos, mas nem sempre mesmo quando demonstrem com matemático rigor que inteira razão lhes assiste, êles podem ser absolvidos do delito grave de falta de qualidades de observação, crítica e comentário.

Se é de espesso rameram o meio em que teem de exercer as suas funções de debicadores de assuntos cronicáveis, nada os impede de alongarem as suas vistas por êsse mundo fora, porque, em bôa verdade, ligados como estão hoje os continentes e os espíritos pela permuta estreita das ondas de Hertz e das ideas gerais, não há razão para que o nosso interêsse convirja exclusivamente sôbre o palmo quadrado em que nos dislocamos na superfície vasta da terra. Esta comunicabilidade fácil e, quási diriamos ao alcance de tôdas as bolsas, tende naturalmente para a internacionalização, pelo menos, da curiosidade e torna ainda mais diminuto o já diminuido sentimento de exclusivo interêsse que em castelhano castiçamente se exprime por «pátria chica». E talvez lonje não venha o dia em que, resolvendo-se Marte e outros planetas teimosamente mudos a entrar de palestra com a Terra, a «pátria chica» seja para nós o glôbosito que habitamos e a Pátria, em tamanho natural, o universal rolar dos mundos, dos sois e das nebulosas.

Mas enquanto esta interuniversalisação se não realisa, enquanto não é possível cronicar sôbre a política de Venus, sôbre a crise das subsistências em Saturno ou sôbre o desarmamento de Marte, dever é do cronista lançar sôbre os continentes que o cercam, os mares que em tôrno rumorejam o interêsse da sua pena, para uso e proveito do leitor.

*

Mas por tôda a parte, desde os esquimós, ignorados e pacíficos, aos europeus, agitados de nervosismo, a vida reproduz os mesmos altos e baixos que caracterisam o ambiente em que a crónica vegeta na aridez do assunto. Teem talvez mais profundidade e mais altura, mais relêvo, portanto, os factos que lá por fora agitaram a primeira quinzena dêste mês de desabrido outono, mas embora em proporções mais vastas êles não deixam de ser, banalmente, «altos e baixos» da vida.

Maria da Roménia, Rainha e Artista, invadindo — pacíficamente, é claro — a democratissima América do Norte, é um facto de relêvo que traz o simpático país latino, perdido nos confins balcânicos, à luz forte duma publicidade que o celebrisa mais que as suas virtudes de povo progressivo. E um alto, um esplêndido e destacante alto na vida dessa Rainha e da Nação em que ela reina, mas como a tôda a acção se opõe uma reacção, o amuo da mais hirta aristocracia inglesa, quási ofendida pela singeleza com que a Rainha Maria se deixa fotografar e entrevistar para os jornais de todo o mundo, pretende manifestamente arrastar o airoso gesto da rial viajante para os baixos obscuros dum procedimento absolutamente *shoking*.

Porque nunca é demais notar que, neste mundo de contradições, o que para uns é excelente é para outros detestável e assim esta Rainha moderna, que responde aos *speech* e escreve nos jornais, para aqueles que, a respeito da realeza, se ficaram no conceito da núvem de ouro que envolvia os imperadores de Bisâncio, é uma excepção que os horrorisa e não um exemplo a seguir pelas cabeças coroadas.

Mas baixo, implacável baixo da vida está atravessando o portador dum nome glorioso de que a Itália se orgulha e a que se liga, insensìvelmente, a idea superior de liberdades conquistadas a sangue: o coronel Riccioti Garibaldi, que o noticiário dos jornais nos mostra, enredado numa inextrincável artimanha política, onde lampeja o dinheiro e se fala em traição.

Não, a vida, afinal, não é interessante com os seus altos e baixos e rigorosamente, já que se não pode cantar a primavera perpétua e tecer um eterno louvor da Perfeição, a crónica, como dizia o outro, devia começar por não existir.

## CARLOS REIS

Pela terceira vez, a *Ilustração* tem, a honra de reproduzir em tricromia uma obra dêste consagrado artista da paleta. Como nos dois que anteriormente arquivámos, o quadro *A Feira* apresenta, marcadas, nitidas, tôdas as qualidades elogiadas pela crítica na individualidade de Carlos Reis: rigor de observação, riqueza de colorido, intensidade de luz e natural movimento das figuras. Essa tela, que reveste uma parede do Museu de Arte Contemporânea, é por êsse mesmo aprimorado da execução e pelo interêsse do tema, uma das peças mais notáveis daquelas galerias picturais. Sobretudo porque retrata, com flagrância, uma scena típica da vida rústica do nosso Portugal, com delicia os olhos se nos demoram a contemplá-la.

ESTÃO REIMPRESSOS E Á VENDA
OS N.os 1 E 2 DA *ILUSTRAÇÃO*

ESTÃO EM REIMPRESSÃO
OS N.os 3 A 6 DA *ILUSTRAÇÃO*

# ACTUALIDADES

NA LEGAÇÃO DE ITÁLIA: — Comemorando o aniversário da vitória da Itália na Grande Guerra, o sr. Porta, Encarregado de Negócios daquele país, deu recepção à colónia italiana de Lisboa

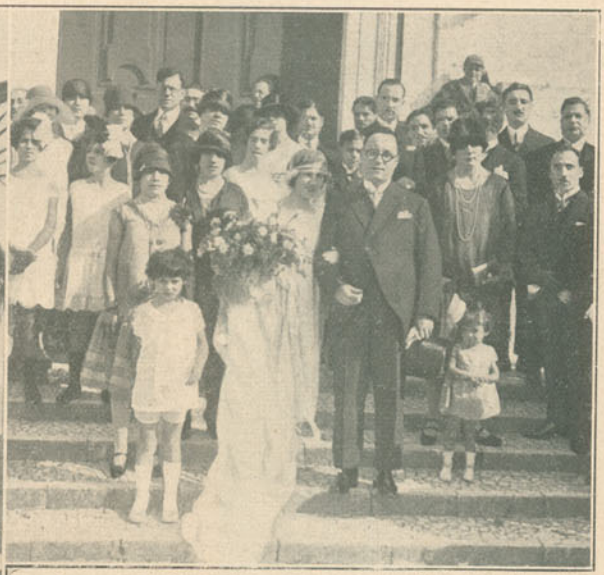
DOIS DIPLOMATAS: — O antigo ministro de Espanha em Portugal, D. Alejandro Padilla, presentemente Embaixador em Washington, visita o antigo ministro dos Estados Unidos em Lisboa, coronel Thomas H. Birch, na residência de verão dêste último, em Monanouth, New Jersey

# ACTUALIDADES

O comandante Delbaume, adido militar francês, que foi condecorado com a comenda da Ordem de Avis, depois da cerimónia da imposição das insignias, no ministério da guerra

Aspecto da partida dos srs. Francisco Santos Tavares e general Freire de Andrade, tendo o primeiro ido ocupar o seu posto de ministro de Portugal em Estocolmo e indo o segundo cooperar nos trabalhos da S. D. N., em que representa o nosso país

# ACTUALIDADES



Na paroquial de Oeiras realizou-se o casamento do sr. Mário do Rosário, director da Emprêsa do Anuário Comercial com a sr.ª D. Zolcima Casimiro de Almeida

Em benefício das vítimas do terremoto do Faial, realizou-se na Tapada da Ajuda uma quermesse que esteve concorridíssima, bem como o baile e o chá dado no pavilhão de exposições

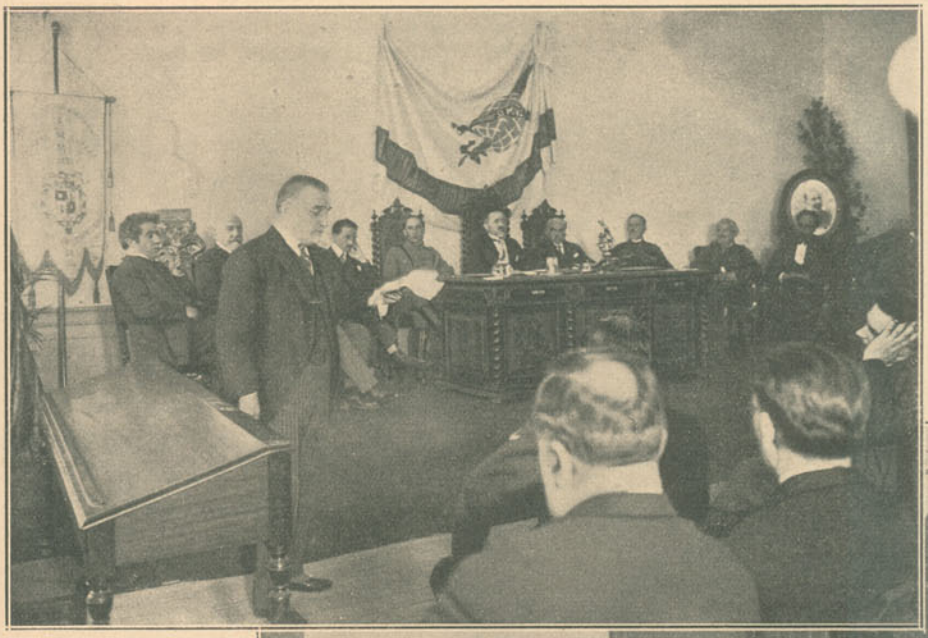
Como nos anos anteriores, realizou-se no edifício da Câmara Municipal de Lisboa uma interessante exposição de crisantemos, em que se admiraram exemplares que honram os jardins municipais

# ACTUALIDADES

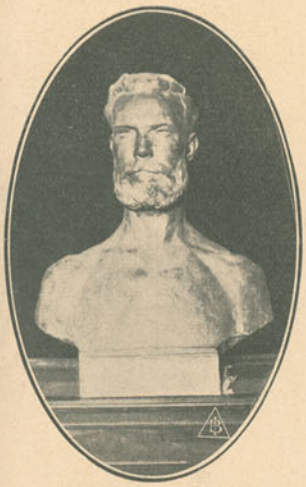
Lisboa, ex-cidade de mármore e granito, é actualmente, em grande parte, construída de barro, areia e sarrafos, como se vê no aspecto, que publicamos, do apeamento das ruinas da «Vila Teixeira», na Cova da Moura

Em benefício da Escola Israelita de Lisboa realizou-se na casa Jaime Pinto uma brilhante festa de caridade, promovida por uma comissão, composta pelas senhoras D. Luna Benarus Pinto, D. Helena Amzalack Levy, D. Oravida Amzalack e pelos srs. Simão Kudosch e Isaac Benoliel. — *No medalhão:* a comissão promotora. — *Em baixo:* Grupo de assistência nos salões da casa Jaime Pinto

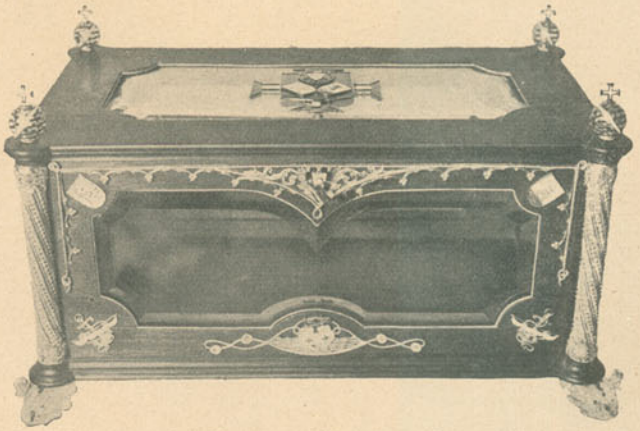
# ACTUALIDADES



A Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto comemorou, há dias, o seu 44.º aniversário, tendo-se realizado uma sessão solene, que foi numerosamente concorrida e em que usaram da palavra vários oradores das classes associadas. A brilhante e benemerita colectividade portuense é exemplo frisante de quanto pode o espírito associativo e o sentimento bem entendido da solidariedade da classe. Nesta página arquivamos dois aspectos da sessão solene a que fizemos referência



Por iniciativa da Faculdade de Sciências da Universidade do Porto, vai ser inaugurado brevemente, na capital do norte, o busto que reproduzimos, de Júlio Denis, o mais enternecedor romancista da nossa língua



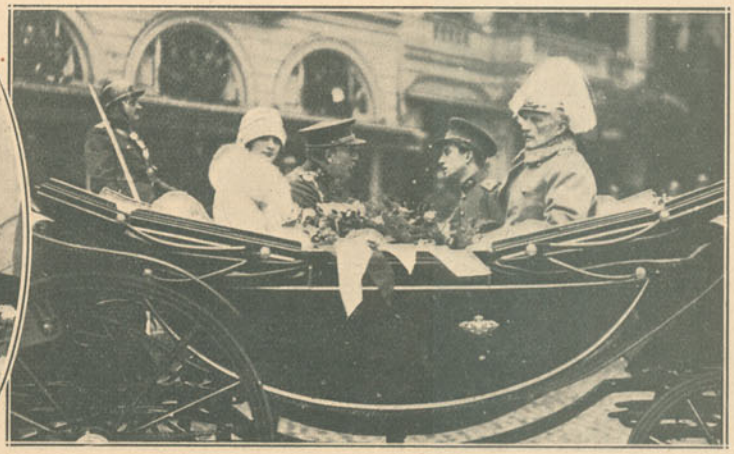
O relicário em que, no Centro Trasmontano do Rio de Janeiro, ficará guardado a terra levada de Trás-os-Montes pela «Caravana da Saüdade»

# ACTUALIDADES

## O GRÉMIO MILITAR DO PORTO

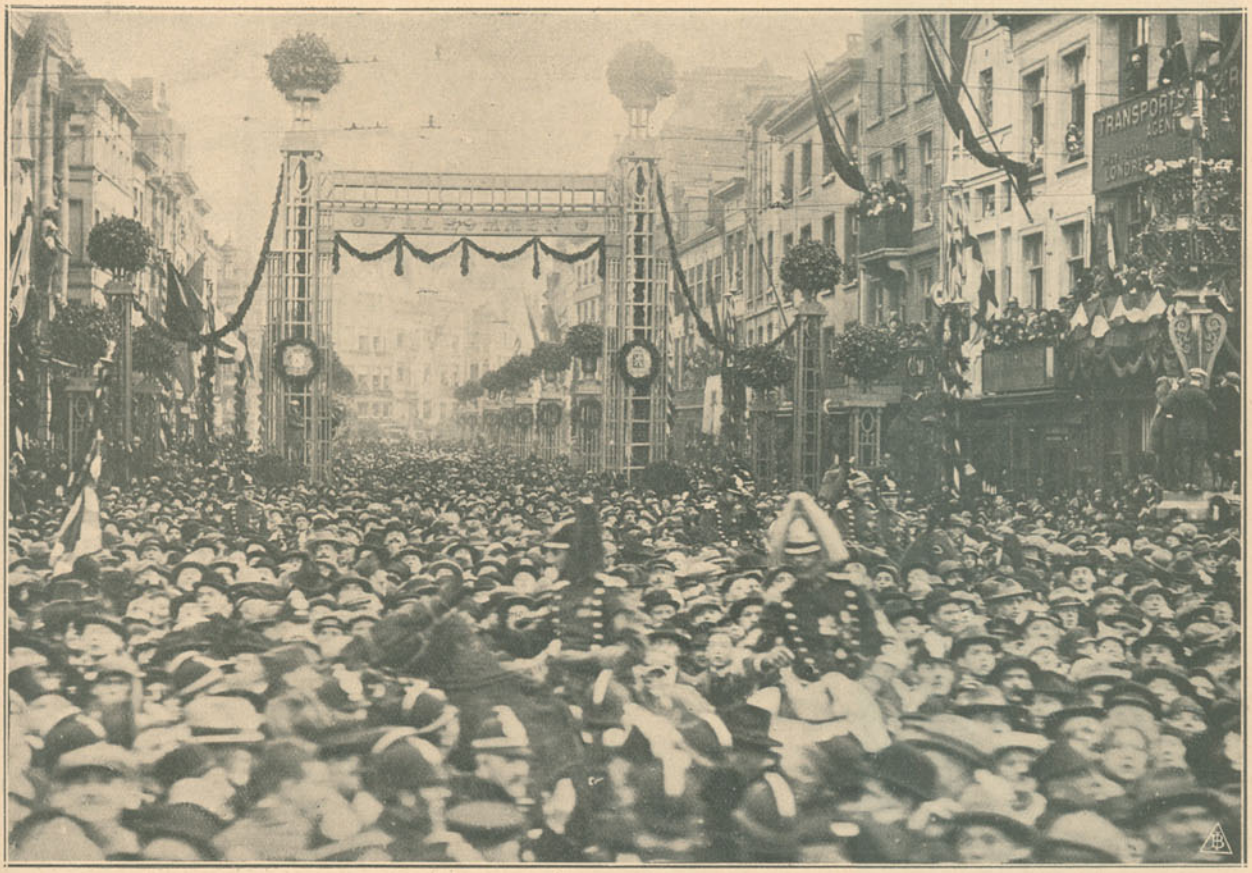
O antigo Hotel Universal, onde hoje está instalado o Grémio Militar. — A sala de jantar do Grémio. — Grupo de oficiais da 1.ª região militar, fundadores do grémio

# O CASAMENTO DO PRINCIPE HERDEIRO DA BÉLGICA



*No oval:* — O principe Leopoldo e a princesa Astrid, na varanda da Casa do Municipio de Antuerpia, correspondendo ás aclamações da multidão

*Á direita:* — A chegada a Bruxelas, vendo-se, da esquerda para a direita, a noiva, o Rei Alberto, o principe Leopoldo e o principe Carol, pai da princesa Astrid




A multidão, em Antuerpia, acumulando-se nas ruas á passagem do cortejo nupcial

# PELO MUNDO FORA

Na comemoração do 4.º aniversário da marcha sôbre Roma, Mussolini pronunciou, da varanda do palácio Chigi, um vibrante discurso. A nossa gravura apresenta uma flagrante atitude do «Duce» no momento em que fala ao povo reünido na Praça Colonna

Fot. ENIT

O presidente da República Francesa, sr. Doumergue, depondo uma corôa no túmulo do Soldado Desconhecido, no primeiro de Novembro

Inauguração do monumento do falecido presidente da República Francesa, sr. Paul Deschanel, em Nogent-le-Rotrou

# A «TOILLETE» DE LISBOA

Com uma decisão e uma energia que os lisboetas nunca saberão agradecer e louvar suficientemente, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal fez demolir o inadjectivável mercado que se estendia desde Ribeira até Santos, para onde fôra transferido do Campo de Sant'Ana, por ocasião da visita a Lisboa do ex-imperador da Alemanha, porque ao tempo a legação dêste país era naquele largo e a Câmara de então receiou que o *Kaiser* se maravilhasse com o estilo das construções, que era o mesmo que ainda até há poucos dias ostentavam.

Os dois aspectos que publicamos mostram bem quanto foi acertada e digna de aplauso a resolução camarária, que teve de ser posta em prática um pouco à maneira por que êsse grande benemérito de Lisboa, que foi Rosa Araujo, nos livrou do Passeio Público: fazendo demoli-lo numa noite.

O aspecto do atêrro, desafrontado da barracaria ignóbil, que o pejava, é animador e prometedor dum aproveitamento que melhor sirva o trânsito e beneficie a estética citadina.

# DESPORTOS

O encontro Bemfica-Carcavelinhos: Uma defesa de Guimarães

## FOOT-BALL

Após a terceira jornada do campeonato de Lisboa, os clubs encontram-se na seguinte posição:

Belenenses, 9 pontos.
Vitória, 8 pontos.
Sporting e Carcavelinhos, 7 pontos.
Bemfica e Império, 5 pontos.
Casa Pia, 4 pontos.
União Lisboa, 3 pontos.

Nesta terceira jornada, o jôgo sensacional da tarde foi o encontro Bemfica-Carcavelinhos, ganho por êste. Êste encontro pode classificar-se de bom e sobretudo muito correcto, tendo o Carcavelinhos ganho bem pois que jogou inteligentemente. O furo do Bemfica foi a sua defeza direita tendo o Carcavelinhos aproveitado bem êste ponto fraco do seu adversário. Arbitragem muito má, dando lugar a que o público se insubordinasse, a guarda interviesse, etc. ..

Os resultados dos outros jogos eram já previstos, devendo contudo registar-se o triunfo do Sporting sôbre o União por 4 bolas a 0, no campo de Santo-Amaro.

Tôdas as bolas foram marcadas na 2.ª parte pois que na 1.ª o Sporting jogando contra o vento, foi dominado pelo seu adversário. O team dos «Leões» vai progredindo de dia para dia e quere-nos parecer que a sua classificação final será das melhores.

## AVIAÇÃO

O tenente Costes e o capitão Rignot, do exército francês, bateram há dias o «record» do mundo da distância, efectuando um vôo de 5.500 quilómetros, tendo gasto 32 horas para percorrer esta distância. Tendo largado de Paris, do campo do Bourget, foram aterrar a Djask na Pérsia batendo assim de 300 quilómetros o «raid» de Challes e Weiser que tinham coberto 5.200 quilómetros voando de Paris a Bendes-Abbas.

Costes e Rignot foram forçados a aterrar devido à noite, quando ainda tinham gasolina para percorrer mais algumas centenas de quilómetros.

A distância realmente percorrida, foi superior a 5.700 quilómetros, isto é, a mesma que separa Paris de Nova-York; êste «raid» tão falado, é pois realisável e certamente será efectuado muito em breve. O aparelho usado é um Breguet com motor Hispano-Suiza, e conta actualmente cêrca de 180 horas de vôo, representando uma distância percorrida de 25.000 quilómetros.

## BOX

Jack Dempsey quere reconquistar o título de campeão do mundo e para isso vai recomeçar o seu treino e disputar diferentes combates.

O gesto de Dempsey é belo, pois que o ex-campeão, colossalmente rico, cheio de glória até ao seu último combate e ainda muito popular, podia pretender apenas combater novamente Tunney.

Porêm Dempsey vai combater antes outros adversários e mostrar que é digno de querer reconquistar o título perdido.

Não julgamos que Dempsey o consiga; contudo o seu exemplo é digno de louvor e merece ser registado nos meios desportivos, onde não são frequentes tais gestos.

O tenente Costes, um dos detentores do record do mundo do vôo em linha recta

# TEATRO

Depois das hesitações iniciais, do inevitável tatear dos primeiros passos, a época teatral, dita de inverno, eclodiu, finalmente, já se sabendo a quem definitivamente coube em sorte — e oxalá que em muita sorte — um teatro em Lisboa e quem foi condenado a arrastar pela província, em *tournée* trabalhosa, a época que decorre.

Encarando o conjunto das emprêsas, iniciativas e projectos teatrais, desde logo se verifica que a declamação atrai irresistivelmente os que se responsabilisam pelas explorações de teatro e não é difícil explicar-se esta preferência, porque é óbvia e vem ao nosso encontro a sua principal razão: a economia. Uma companhia de declamação, por numerosa e muito «estrelada» que seja, nunca é mais cara do que um conjunto de opereta, com um côro bem sortido, uma orquestra que não pode ir a menos de vinte e cinco professores, sem prejuízo das partituras a executar e montagens dispendiosas de guarda-roupa, scenários e acessórios.

Presentemente, o teatro musicado está reduzido a uma companhia de operêta, a que funciona no S. Luís sob a direcção de Armando de Vasconcelos e às companhias que exploram a comédia com música, Satanela-Amarante e Cremilda de Oliveira, esta já errante pela província, numa lenta *tournée* que abrangerá o país.

Dêste género de teatro, tão querido do público mas tão dispendioso (e não se inclui nele o teatro de revista, porque para o público tal género já é um hábito), já duas companhias estão tirando a limpo a nova época: a do S. Luís, à data com uma peça de êxito, *Maravilhas* (La Calesera) consagrada em Madrid e Paris e a Satanela-Amarante, que reeditou com vantagens o *Pão de ló*, enquanto prepara a nova peça *O pé de salsa*, adaptação de Felix Bermudes, João Bastos e André Brun.

Do teatro de declamação sortiu-se Lisboa com as companhias Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo, que trabalha no Politeama, Rey-Colaço-Robles Monteiro, no Ginásio, Lucília Simões, que continua no Trindade e Berta de Bivar-Alves da Cunha, que corajosamente tomou conta da Casa de Garrett, a única casa que, em Lisboa onde a crise de habitação é endêmica, ninguém queria, a pesar de estar desabitada e livre de trespasse. Para a província está-se apretrechando uma outra companhia de declamação, com Gil Ferreira e Ester Leão, a distinta artista que o desencontro confuso das organizações teatrais tem impedido de ocupar, num agrupamento homogéneo, o lugar que de direito lhe pertence.

Alves da Cunha, com o gôsto e a competência do teatro romântico, foi aos arquivos desenterrar o *Paralítico*, do reportório que emocionou os nossos pais. Torcem o nariz à acção os críticos das gerações mais modernas, na crença, que ataca a juventude, de que são elas que veem descobrir tudo o que já está descoberto, desde a pólvora à direcção dos balões, mas o público, massa anónima, acorreu a ver a obra que conhece por tradição ou por saüdade. Também a *Morte civil* é um dramalhão impossível e, no entanto, interpretando-a Zacconi, tem emocionado as platéas mais avançadas em arte e literatura.

Iamos a dizer que faltava em Lisboa uma companhia de farça e comédia ligeira. Seria uma falta não referir a iniciativa simpática de teatro dêste género, em espectáculos por sessões, que a companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho se propôs levar a efeito, no Variedades, do Avenida Parque e lapso grave seria também não mencionar e encorajar o que o actor-cantor Almeida Cruz está realizando no teatro Apolo, com operêta também por sessões, tendo aberto clássicamente com o género vienense e

Amélia Rey Colaço

propondo-se desde já substitui-lo por uma obra nacional, quási diriamos regional, intitulada *Mouraria*, subscrita pelo poeta Silva Tavares, pelo conhecido homem de teatro que é Lino Ferreira e musicada pelo maestro Filipe Duarte, um dos músicos portugueses mais português.

* * *

E já que de originais falamos, bom é que se diga e que o leitor o saiba que, das companhias que funcionam e estão para funcionar em Lisboa, quási tôdas anunciam peças portuguesas.

A companhia Ilda Stichini-Alexandre de Azevedo, que nos lembre de momento, dois originais anuncia, pelo menos: *Inimigos*, de Vitoriano Braga, e *Lourdes*, de Alfredo Cortês. Não se trata de estreiantes, mas de dois autores já provados, que por mais duma vez afrontaram a luz forte das gambiarras e ribaltas e as contundências da crítica.

No Nacional, por obrigação e devoção, Alves da Cunha dará também peças portuguesas em estreia e no Ginásio outras se anunciam, entre elas uma de Ramada Curto.

Já nos não surpreende o cabaz de promessas que no princípio da época é costume despejar diante do público, um estendal reclamatório de boas intenções, que a maioria das vezes disso não passam, porque nem sempre os lírios florescem e nem só de boas intenções vive o homem.

* * *

Um facto assinalável e assinalado da quinzena teatral foi, sem dúvida, o regresso do casal de artistas empresários, Amélia-Robles, ao Ginásio, onde ensaiaram os primeiros vôos.

Em teatro ninguém se furta à superstição. Sem ofensa ao espírito culto de Amélia Rey Colaço e ao de seu marido, não é difícil ver na peça de reabertura do Ginásio sob a sua gerência um traço supersticioso. Foi o *Sonho duma noite de Agosto*, a peça de êxito da sua primeira exploração daquele teatro, mas se na escolha daquela obra de Martinez Sierra, traduzida com singular carinho por Avelino de Almeida, houve superstição, bem cabida foi, porque, de facto, parece que uma influência sobrenatural pairou sôbre o reaparecimento de Amélia e da sua companhia.

Influência sobrenatural, dissemos, quando, volvendo das hipóteses das superstições à crua realidade, deveriamos ter dito influência natural da artista e do núcleo de artistas que em seu redor reuniu. É que Amélia Rey Colaço, possui, positivamente, o dom surpreendente de se infiltrar na nossa admiração. A sua arte, tão pessoal e inconfundível, faz-nos amar nela tôdas as personagens que encarna. Não é uma artista que se vai ver pelas *toilettes* que ostenta, mas pela emoção com que nos perturba, pela alegria que nos comunica, pela graça com que nos ilumina.

Esposa e mãe ela é, na enternecida admiração, que é quási amor, do seu público, como uma criancinha de voz dôce e claro sorriso, que é grato embalar nos oraços, longamente, longamente, com ternura e emoção.

A peça que vai representar, *A petisa do gato*, em nenhuma outra artista portuguesa, sem desprimor para as que estão presentes no nosso espírito, encontraria melhor intérprete. A Guadalupe, que foi uma das criações felizes de Catalina Barcena, parece ter sido criada por Arniches, decalcando-a sôbre o temperamento artístico de Amélia Rey Colaço, em quem equilibradamente e proporcionadamente concorrem as qualidades que a realização da garota do gato exige para uma interpretação integral.

X.

# MISS ULA SHARON

Se o mundo biológico é dos insectos, como afirmam os sábios da especialidade, o mundo artístico está sendo, indubitavelmente, das dançarinas.

A dança e o cinema estão, positivamente, açambarcando a actividade artística e os entusiasmos dos públicos mais variados.

Para o cinema ainda há a explicação da novidade, mas para a dança, coeva do aparecimento do homem sôbre a terra, só uma explicação existe para esta sua magnifica renascença: a beleza sempre eterna do ritmo, a inegualável estética da atitude, a harmonia irreproduzivel da plástica humana.

A dança, que no oriente assumiu aspectos de instituição sagrada, veiu caminhando para o ocidente e — porque não dizê-lo — através dos séculos e das distâncias — foi-se abastardando. E são os americanos, povo moço e nacionalidade recente, que, estando para nós no ponto extremo do ocidente, quem se encarrega, de mistura com várias estapafurdias coreográficas, restaurar a beleza antiga da dança.

As dançarinas americanas invadem o velho continente, espalhando um fulgor de arte e de beleza.

Presentemente, no *Hippodrome's* de Londres, a encantadora dançarina americana, Miss Ula Sharon, criadora do «Sunny», dança de que damos alguns aspectos, com a sua graça airosa e a sua beleza de encanto está confirmando o êxito que na Europa marcam as dançarinas do Novo Mundo.

# LIVROS E ESCRITORES

Ou o silêncio que está agora pesando sôbre as letras portuguesas é um silêncio de gestação, por assim dizer místico, dêsses silêncios que parecem mais profundos nas vésperas dos grandes acontecimentos, das espantosas revelações, — ou, então, amigos meus, estamos a braços, também no campo literário, com um ano paupérrimo, ano de vacas magras, como o que flagelou as colheitas frumentária e vinícola.

Com a mesma cara de pêsames com que o lavrador contempla as tulhas e os lagares, outrora, em épocas fartas, atestados até mais não das proverbiais riquezas do nosso solo, e agora mal cobrindo o fundo com o produto da última safra, — assim eu, assim nós todos, cronistas encartados dos muitos e vários feitos dos varões ilustres nas sciências e artes, estamos aqui boquiabrindo de tédio, olhando desconsoladamente as montras dos livreiros, que, para não se quedarem em vergonhoso estado de nudez, se cobrem ainda de brochuras a que o sol implicante do pretérito verão amareleceu as capas.

Cada um de nós em sua barca, longa é a espera, tardando em chegar a chusma dos viageiros, dêsses que em tôdas as épocas se propuseram deixar atrás a fronteira da obscuridade, passando com armas e bagagens para o país do renome, onde a aduana, frouxa nas vistorias, persegue pouco ou nada o contrabando. Pois, não obstante isto e também as águas da crítica correrem entre nós tão mansamente como as águas inofensivas dum riacho, não havendo memória de nelas se dar qualquer naufrágio — o que se vê é que o tráfego parou quási de todo. Parece que, obtida a certeza de que nesse país das belas-letras é estranha à sua flora a árvore das patacas, já ninguém o demanda e se aventura até lá.

Talvez que lhes assista razão, visto que o mandamento da época é arrebanhar patacas por tôda a banda, sem inquerir mesmo se são falsas ou verdadeiras. Mas nós é que nada temos com isso: quem se mete a filosofar o seu ofício não faz senão deitá-lo a perder. Portanto, meus irmãos cronistas das letras, se outro não é o nosso mister senão o de conduzir para a margem de lá os aspirantes à glória, tratemos, sem detença, de animar a arte! Como os grulhentos barqueiros no cais, chamemos, a bons pulmões, a freguesia esquiva: Eh! gentes, embarcai! Embarcai, ó gentes!

* * *

Muito se engana quem supuser de novato nas letras o nome do sr. dr. Cláudio Basto, só porque êle não se empoleira volta e meia em volumes de muitas páginas e conteúdo aliciante do vulgo. Serviços, e serviços que, sem ponta de exagêro, se podem dizer de alta valia, há muito que êle os presta à nossa literatura, principalmente no campo etnográfico. Basta, para atestado disso, a colecção da revista *Lusa*, editada há quási um decénio em Viana do Castelo e que êle, de braço dado com Pedro Vitorino, outro estudioso de marca, ainda hoje mantém. Essa revista, seguindo o exemplo da antiga e preciosíssima *Portugália*, é um belo repositório de investigações regionais, referentes, sobretudo, ao Minho e, por extenção, a tôda a parte nórdica do nosso país, mas sem descurar e repelir do seu texto os dados etnológicos relativos a qualquer outro ponto de Portugal. E não só aqui como noutras publicações os seus escritos, muito conscienciosos e sempre realçada a sua matéria pelo brilho da linguagem, teem aparecido a lume. Igualmente em separatas, em opúsculos, em volumes já de boa lombada, o seu labor tem obtido o aprêço dos competentes nesse género de estudos.

Dr. Cláudio Basto

José Augusto de Barros

Como crítico, também o sr. dr. Cláudio Basto deu já as suas provas, e de maneira bem firme: há coisa de dois anos talvez, no livro *Foi Eça de Queirós um plagiador?*, que é uma convicta defêsa da honrada memória do romancista dos *Maias* como prosador.

As galhardas particularidades do trajo usado nas províncias, a graça das suas indústrias domésticas, o pitoresco da linguagem da sua gente, os curiosos usos e costumes tradicionais, as práticas de medicina caseiras, isto tudo e sei lá o que mais, — eis no estudo do que, amorosamente, beneditinamente, o sr. dr. Cláudio Basto há já consumido farta porção de anos e esforços. Bem-haja por isso!, porque das suas investigações sai um mais completo conhecimento da índole da gente portuguesa.

É mais uma achêga dêsse género que êle há pouco nos enviou: pequena, sim, mas, como o povo diz que os homens não se medem aos palmos, em matéria de escrita também não deve ser pelas carradas de palavras que o valor das obras se aquilata.

Êste recente trabalho do sr. dr. Cláudio Basto é um gentil cancioneiro, gentil no delicado do que encerra e gentil também no seu aspecto gráfico. *Flores de Portugal* — êste é seu adequado título — compreende «cem *das mais lindas* cantigas do povo português». Transcrevendo o sub-título e sublinhando nele as palavras *das mais lindas*, quero acentuar o exemplar escrúpulo que caracteriza êste investigador em tudo quanto traz a lume: por achar em extremo arrojada a afirmação de que esta sua colheita de cantigas populares representa o que de mais belo anda na bôca do nosso povo, limitou-se a apontar o feixe das cem escolhidas como pertencente ao núcleo das mais lindas.

Em poucas páginas preambulares não se absteve de analizar e comentar algumas delas, em comentos que dão mostra da segurança dos seus conhecimentos na matéria. E, depois, seguem-se as quadras, engraçadas como esta:

*Lá vem o Baptista abaixo*
*Comendo um cacho de uvas,*
*Dando os bagos às solteiras,*
*Os engaços às viúvas.*

Aconchegadas em oito compartimentos, dentro dêste mimoso escrínio, conforme os assuntos, que são a pátria, o trabalho, a família, a religião, a filosofia, o riso, a tristeza e o amor, as cem cantigas em redondilhas, das mais lindas, na verdade, que conhecemos, aparecem-nos aqui com um estranho fulgor de joias, impondo como das mais fecundas e ricas de inspiração a musa popular portuguesa.

A par dêste livrinho, o mesmo estimado autor honrou-me com a oferta do folheto *Comparações Tradicionais Portuguesas*, que arquiva uma breve contribuição para o seu estudo. Da leitura da sua meia centena de páginas, que tratam de certos modos de dizer tradicionais das nossas províncias, mais uma vez se conclui que o sr. dr. Cláudio Basto possui uma vasta

# A FESTA DO LIVRO

A nova, vinda a público no nosso número anterior, de que a *Ilustração* vai promover entre nós, em Junho do ano próximo, um certame desta natureza, foi acolhida com as mais significativas manifestações de agrado. Tanto não esperávamos, se bem que estivéssemos convencidos de esta iniciativa corresponder a uma evidente necessidade do meio intelectual português, de há tempos a esta parte caído em um estado de marasmo que, positivamente, nos não honra como nação culta. E esta decadência tanto mais humilhante é quanto é certo que em eras idas o nosso povo algumas vezes esteve à testeira da actividade mental da Europa. O interêsse, pois, que se desenvolva hoje em volta do livro e em prol da sua melhoria e expansão, fatalmente irá frutificar no desenvolvimento da cultura da inteligência portuguesa, visto que não há instrumento mais adeqüado a essa nobre função do que êle.

Escritores, livreiros, elementos das classes gráficas e mesmo anónimas vozes saídas do público ledor, vieram já dar-nos o seu aplauso à idéa e com êle uma boa soma de alvitres, dos quais serão aproveitados todos aqueles que se reconheça possuírem capacidade prática. Contanto que sinceras e activas, tôdas as cooperações serão bem-vindas, porque, quanto mais fôr secundado o nosso esfôrço, que não tem a veleidade de se apresentar como omnisciente e omnipotente, maior importância e brilho alcançará o empreendimento em estudo. Sendo êle, como é, de vantagem geral, de alcance colectivo, parece-nos que todos devem ter empênho em auxiliar-nos na sua execução.

Um dos números dessa projectada festa que mais vivo interêsse está despertando é o CONCURSO LITERÁRIO, aberto pela nossa revista entre os

## ROMANCISTAS E NOVELISTAS PORTUGUESES

e para o qual estabelecemos dois valiosos prémios em dinheiro, de

## 5.000$00 cada,

atribuídos: um, ao livro que um autorizado júri de homens de letras eleger como o melhor; outro, por votação dos leitores da *Ilustração*. Obtidos os resultados destas duas eleições nos dias últimos de Maio — em 10 de Junho, dia consagrado a Camões, figura máxima das letras portuguesas, serão entregues os prémios aos escritores preferidos, respectivamente, dos literatos e do público.

As condições principais que regulam êste curioso concurso e que nos cumpre já enunciar e divulgar são as seguintes: 1.º — Só podem concorrer os livros originais de autores portugueses e editados em Portugal, saídos em primeira edição desde 15 de Outubro último até 15 de Abril próximo futuro; 2.º — Os editores das referidas obras terão, para êste efeito, de nos enviar cinco exemplares de cada uma delas, para serviço do júri, acompanhados da respectiva declaração de candidatura.

## ROMANCISTAS E NOVELISTAS DA NOSSA TERRA,

desenferrujai as vossas penas! Espera-vos dentro em breve uma consagração, por intermédio dêste

## CONCURSO LITERÁRIO

que, só para vossó estímulo, a nossa revista resolveu abrir e dotar com prémios já bastante apetecíveis.

---

erudição em assuntos linguísticos e que para mais, os sabe versar com alma de artista, dando-lhes sabor cativante.

* * *

Confesso que foi tomado dêsse tão comum sentimento de desconfiança perante qualquer obra de autor inda desconhecido, que encetei a leitura dos livros *Pedaços do Coração* e *José de Cadis*, o primeiro de contos e o segundo etiquetado «romance de costumes», ambos da autoria do sr. José Augusto de Barros, português que as contingências da vida levaram já há anos para terras do Brasil amigo.

Mas confessar devo também que logo na linha última do conto que inicia o primeiro dos volumes aludidos e o que constituiu a estreia do autor, a minha atenção passou a sentir-se prêsa de curiosidade: é que havia já ali mostras dum prosador, no sentido exacto dêste termo. Aquela linguagem tinha maleabilidade, tinha fôrça expressinal, dava relêvo e colorido às scenas descritas. Depois, quanto mais caminhei pelo volume dentro, mais essa grata impressão se me foi fincando no espírito. Direi mesmo que o que mais se me impôs ao apreço nesse livro foi a desenvoltura da linguagem, pois, quanto aos assuntos dos contos, para usar de tôda a franqueza, achei-os pouco menos do que banais.

No *José de Cadis* só encontrei motivo para manter, senão ampliar, a minha boa impressão a respeito dos méritos de escritor do sr. José Augusto de Barros, salvo na questão ortográfica, esta denunciando uma desordem de conhecimentos que me leva a pensar que o autor, querendo usar da ortografia sónica tornada oficial entre nós, ainda lhe não assimilou as regras basilares. No *José de Cadis*, mais rigorosamente uma novela extensa do que um romance porque nem o enrêdo tem muita amplitude nem há aí uma profunda análise de caracteres, o descritivo dos costumes trasmontanos, torrão natal do autor, é dado com talento. Filiado na corrente regionalista da literatura, para o que nem sequer lhe falta, no termo do volume um vocabulário com a significação das locuções e vocábulos que o autor supôs serem — alguns não o são — privativos da sua província, êste livro, como já sucedera com os contos do que o acompanha, trouxe-me à lembrança aquela conhecida definição do romance dado pelo abade de Saint-Real: *un miroir que l'on promène dans un chemin*. Estas páginas são como pedaços de espêlho voltados para a terra portuguesa e reflectindo-lhe com nitidez o pitoresco da paisagem de Trás-os-Montes e dos costumes da sua gente.

CÉSAR DE FRIAS.

# ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

*Aos que, por doentio pessimismo ou falha de visão crítica, andam aí por todos os cantos a jeremiar a decadência que, segundo êles, atravessa em nossos dias a boa prosa lusitana, vai Aquilino Ribeiro, dentro de poucas semanas, opôr mais uma vez o seu categórico desmentido. Como? Através das páginas do seu novo livro,* Andam faunos pelos bosques, *cuja linguagem desarticulada, viva, cheia de originalidade, sabemos cinzelada na mesma preciosa liga verbal que ergueu o escritor, logo na obra de estreia, a lugar proeminente na nossa literatura contemporânea. A êste romance — de amplo romance se trata — mesmo que o interêsse de acção nele fraquejasse, o que não é de esperar do belo talento que concebeu a* Via Sinuosa, *— só pelo equilíbrio e riqueza da linguagem, só pelo ritmo e colorido da frase, seria fácil vaticinar o êxito largo que a nenhum dos livros de Aquilino Ribeiro até hoje se esquivou. Da nova obra de Aquilino Ribeiro a* Ilustração *gostosamente arquiva nas suas páginas êste excerto.*

Ao chegar a Rio Verde uma provação inaudita, maior que a de S. Macário quando matou o pai, esperava sua alma conturbada. A Maria José, a doce e extremosa irmãzinha, a anémona fragrante do seu claustro, desaparecera nos braços dum sedutor! Desaparecera, louca, cega de paixão, sem respeito pelas telhas sagradas que a cobriam, sem consideração pelo seu crédito e dignidade de sacerdote. A carta, que deixara, assinalava bem a unhada brutal do instinto naquela flor de bizarria.

Meu querido mano:

Quando chegar a casa, não me há de ver. Não se consuma e esqueça. Obedeço ao coração, seguindo o homem que Deus trouxe ao meu caminho. Sou feliz hoje, hei de sê-lo sempre, mas para sê-lo de todo, de todo, não queira mal à irmãzinha, que se lhe deita aos pés a pedir perdão.

*Maria José.*

Apos a leitura desta carta, quedou fulminado, morto para pensamentos e obras. Derrocava tudo em volta de si e sufocava nos escombros. Abatia o edifício austero, imponente da Igreja, o edifício de que via Orígenes, Santo Atanazio, S. Jerónimo, Santo Agostinho, como pilares de bronze; abatia o edifício da sociedade civil e o próprio edifício familiar que supunha armado em robustas e grossas traves. Por ampliação de sua dor, ruía o universo, caía o céu dos anjos e dos santos, afundava-se em báratro e treva o inferno rubescente.

Mas a revolta acordou-lhe na alma e o seu primeiro ímpulso foi correr na peugada do sedutor e despejar-lhes no peito as seis balas do revólver. Primeiro a êle, depois a ela. Acabava nas masmorras? Que lhe importava! Caia no inferno? Deixá-lo! Pois que Deus era êsse que assistia de braços cruzados à prática de tôdas as ignomínias? Que Deus era êsse que sem necessidade para a sua glória, por gratuita perversão da onipotência, soltava a dor pelo mundo? Oh! abominava da teologia onde êsse Deus se pintava de bom e misericordioso! Renegava das suas crenças idiotas, da sua fé obtusa, das suas quimeras teúrgicas contrárias à vida e à razão! Oh! como era presunçosa a sua virtude e ridícula a sêde de silício para ganhar o Céu... êsse céu dos pardais!

Por muito tempo, o vendaval das negações devastou a sua alma sofredora. Mas veio a lembrar-se de Job, aquele laboratório vivo de experiências divinas e espelho de conformidade, e desatou a chorar, a chorar em fonte, em altos e fundos arquejos, como se ressurgisse em sua carcassa de quarenta anos a alma desassombrada dum menino. E, voltando-se para Deus, de joelhos e mãos postas lhe pediu que protegesse a sua desgraçada irmãzinha. Que a amparasse e tivesse dó dêle! Negara-o em seu furor e amargura, mas êle existia; ouvia-o; penetrava-o com o olhar de águia; era o Senhor, a cuja vontade obedecia o ritmo de tôdas as coisas! Tudo o que dispunha, tudo o que ordenava, eram pontos meridianos com que o seu dedo paternal riscava aos eleitos a linha recta do destino! Senão hoje, ámanhã, na vida próxima, os olhos se abririam a essa verdade! Bendito e louvado fôsse!

E gemeu e suplicou e soluçou o dia e a noite. Desvaneceram-se os seus desejos tôrvos de vingança e em seu lugar floriram outros: o de se fazer trapista, lançar sôbre a sua miséria, até o suspiro derradeiro, a pedra tumular do silêncio. Aferrado a este designio, mal a aurora arroxeou as vidraças, deu-se a tomar as disposições convenientes. Apartou roupas, classificou papéis, rasgou papéis, e estava entregue a esta tarefa, sucumbido, que não há nada mais melancólico para um civilizado que desarmar a tenda, rompeu a *Júlia* na sala de jantar: *cucurru! cucurru!*

Era a rôla da Maria José, e ao pensamento de quanto a dona a acalentava e extremecia, saltaram-lhe as lágrimas dos olhos. Tão bem lhe queria e, afinal, abandonara-a, a ela, como a êle, como a tudo! Provavelmente a pobre avezinha estava morta de fome, que a doida nem tento teria de lhe avantajar a ração.

De facto, a *Júlia* tinha o comedoiro vazio e a tigela da água entornada. Dâmaso deu-lhe de comer e beber e, enquanto ela enchia o papo com sofreguidão de faminta, procedeu à lavagem e arranjo da gaiola, um vasto e sumptuoso chalet de canas. Isto feito, quedou-se, com engulhos de pezar e melancolia, a vê-la debicar os grãos de trigo, a sacões que lhe decompunham o colo, enfeitado por Maria José dum lacinho côr de rosa, na gama suavíssima que sobe do tom de pérola para o tom de jacinto. Depois de farta, a *Júlia* saltou para o poleiro, de cara para êle, e Dâmaso viu-lhe no olhinho amarelo-castanho o círculo vermelho da orla contrair-se, ondear, reflectindo, talvez, a surprêsa que lhe causaria diante da gaiola o seu grande e lutuoso vulto. Mas não tardou que, tranquilisada, erguesse uma das mãos, e com ela aberta, à laia de pente, entrasse a espenujar-se.

Dâmaso agitou o dedo mínimo por entre as grades, chuchurreando; ela, porém, não se moveu, de pata carmezim espalmada ao alto, a olhar para êle, suspeitosa.

Não admirava; nunca se tomara de familiaridade com o animalzinho, nunca lhe fizera carícias, o espírito sempre ocupado nas coisas eternas. Com a Maria José que lhe pusera o nome de *Júlia*, pois respondia aos afagos com um *ju-ju* tão mavioso, que parecia a alma a falar, a reclusa abria-se como ao sol nascente a flor dos jasmins. Era um sumo deleite vê-la saltitar contra as paredes da gaiola, gemer, introduzir o bico preto na bôca rubicunda que lhe oferecia cibalho, mostrar-se agradecida e enamorada. Evocando tais finezas, Dâmaso gemia e chorava:

— A tua ama deixou-te? Deixou-te, minha pobrezinha! Supunhas que te queria bem!? Qual, nem a ti, nem a mim! Mas, não te aflijas, hei de levar-te para a Trapa. Hás de ter uma cela, pequenina, sim, mas muito branca, muito branca, onde ninguem te vai importunar. E tu queres vir, não queres? Eu sei que não gostas de mim; é justo; nunca te dei um bago de trigo, nunca me detive um instante a fazer-te festas ou a admirar a graça que Deus te deu, e tu és um bichinho sensivel e melindroso. Mas d'oravante eu prometo cuidar de ti, muito e melhor que aquela doidona que não teve saüdades da pequerrucha...

Estava assim animando a rôla, que estarrecera diante dêle desconfiada, e animando-se, bateram à porta. Era a Cândida das Lajas que morava em face, a saber se o senhor arcipreste não precisaria de alguma coisa. Um pouco desabrido, farejando cuscuvilhice, Dâmaso respondeu que não precisava de nada. Mas recobrando-se com reflectir que a criatura, ocasional testemunha do que se passara, obedecería a um impulso de sua boa alma, chamou-a, já as tamancas chocalhavam rua fora.

— senhora Cândida, pschut! pschut! Sim, logo mais, hei de precisar de si.

— É só mandar.

— Muito agradecido.

— O senhor arcipreste hoje não vai dizer missa?

A sua cabeça! Esquecera-se e deixara passar a hora em que, certo e matutino como a tutinegra, costumava celebrar o santo sacrifício.

— Vou, vou já. Manda-me tocar o sino?

— Já lá mando a Silvana.

Disse missa cheio de febre, sem que o divino acto tivesse a virtude de lhe minorar o desespêro. Passou o dia a ordenar o bragal, com a idea assente de se acolher à Trapa. A Cândida veio e, desvelada, preparou-lhe um almocinho em que mal meteu garfo. Era uma pobre e santa mulher esta Cândida das Lajas, viúva dum homem que morrera de desastre, ao carregar um tiro numa pedreira. Embora orçasse pela meia idade, os trabalhos e as consumições tinham-na envelhecido tanto que não lhe restava um cabelo preto na cabeça, nem um cibinho de rosto sem rugas. Em contraste, a filha, a Silvana, era uma airosa e esbelta adolescente que dava saúde e alegria a olhos que a olhavam. Muito recatadas e tão amigas que, em doze anos ininterruptos de vizinhança nunca lhes ouvira ralho ou voz mais alta, lembravam-lhe, naquela reciproca ternura e arrimo, Nahomi e Rut, da santa Bíblia. Como a velha Nahomi, era Cândida doce e triste, desta tristeza que não escurece o rosto, antes o afeiçoa e alinda como uma flor de neve; como Rut era Silvana expedita, meiga e perluxosa. E, Dâmaso, tão escasso de simpatia humana, as admirava, porque nelas revia as suaves mulheres do país de Moab, em quem veio a entroncar a linhagem de Jesus Cristo, nosso Salvador. Por isso, naquela hora amarga, sem rebuço, nem reservas, lhes abriu as portas e confiou as chaves. E elas se tornaram as donas submissas e diligentes da casa onde, ante seus olhos, corria ainda a sombra gentil da irmãzinha.

Uma semana, duas, três semanas se foram arrastando e êle

amoldava-se à nova cadência. Era o tempo santo da desobriga, e quando não passava a manhã no confessionário da sua igreja, ia de paróquia em paróquia, exacto a todos os gerais e solenidades. Nesta indústria punha o maior zêlo, mas não o fervor antigo. Vagamente sentia que uma corda interior, a *prima* do seu psa tério, se rompera, e seus transportes para Deus eram tíbios e desafinados. Já não punha raiva em ser justo e austero, nem exigir ao próximo uma rígida e maciça inteireza. Abandonava-se à corrente, que tudo leva, tudo afunda, e em que o bem e o mal humanos são mais fátuos que borbotões de espuma.

Sem perder o tino de ingressar na Trapa, reconhecera que de salto não podia realizar o seu anelo. Havia determinadas formalidades a cumprir, que levavam o seu tempo. E, embalado nesta resolução tôda platónica, e distraído com os pecadores no tribunal da penitência, a sua chaga dolorosa foi fechando.

Na véspera, um pouco ao desenfado, um pouco ao palpite como áugur que deita uma sorte, soltou a *Júlia*. Na determinação que tomaria a rôla pressupunha o destino de sua mana. Voltaria ela, anunciando o regresso da Maria José, repêsa e castigada?

A *Júlia*, que um caçador lhe dera ferida de asa, e contava dois anos de cativeiro, quedara-se, pôsto visse a porta franca, serenamente no trapézio. Mas Dâmaso, levando a gaiola para a varanda, virou-a, escancarada, para o céu descoberto, os campos, o pinhal velho onde as rôlas gemiam e se viam descrever, em vôos pairados, graciosas sarabandas nupciais. Cedendo à tentação, a *Júlia* esvoaçou, arriscou a cabeça ladina fora do cárcere, receiosa ainda, deu, afinal, pulo para a balaustrada. Aí se deteve a menear-se, olhando ora para êle, ora para os livres espaços, em atitude de quem delibera; depois, como a pôr à prova as remiges, dum pequeno vôo foi poisar no telhado da vizinha.

Dâmaso aflautou a voz a chamar por ela:

— *Júlia! Júlia!*

Imaginou que a rôla, extática, muito erguida sôbre as pernas vermelhas e finas, de bambú, estivesse a rezar uma prece ao Senhor todo poderoso, que por meios indirectos, a restituia ao seu elemento. Mas, a súbitas, batendo as asas e espadelando o ar, com as revoluções incertas, próprias de ave que esteve encarcerada, disparou céu fora. Dâmaso foi-a seguindo com o olhar, seguindo, até a ver descer, como tomada de vertigem, sôbre o pinhal, a cidade livre dos pássaros.

Deixá-la experimentar os abrolhos da liberdade! Quando a fome a chamasse ao sentimento da vida real, quando o nebri, assobiando, escorregasse sôbre a caruma a sombra ligeira de suas asas, ela voltaria!

Mas nem de tarde, nem naquela manhã a rôla voltou.

O sol declinava por trás da Serra da Lapa, e para matar o tempo, a fugir à molície, depois de correr incerto de janela para janela, buscou o reconfôrto dos livros. Mas que autor, místico, asceta ou profano, possuia o bálsamo oportuno.

E frouxo de ânimo, mole de vontade, tirou as *Confissões* de Santo Agostinho, *El Deseoso* do Padre Barkmann, e a *Vulgata*.

Com aqueles livros foi sentar-se à varanda, em que alastrava a sombra vespertina, à espera da *Júlia*. Estava uma tarde de paraizo e o luto das endoenças dissolvia-se ao claro sol no azul do ar. A campina estendia diante de seus olhos o veludo ferrete dos trigais, marchetado das fruteiras em flor. Para lá de hortejos, que pareciam encantados a ponto de se ouvirem ruflar as asas das abelhas, a copa negro-esmeralda do pinhal velho boiava no céu, esvaídas na meia penumbra as linhas dos troncos que a ligavam à terra. Nas suas frondes arrulhavam as rôlas; lá andaria a *Júlia*, a queimar as últimas ilusões. Ela voltaria, sim, voltaria, que já a indecisão da véspera, primeiro nos balaústres, depois no telhado da Candidinha, era prenúncio favorável do seu retôrno. Uma extravagância! Por extravagância, e à voz pérfida da serpente, que também tenta os bichinhos, a dizer-lhe que, se se entregasse naquela hora, estava cortada a aventura para nunca mais, decidira-se a cometer o romântico passo. Assim deveria ter ocorrido com a Maria José, que ocultara o seu amor, antevendo que êle a disputaria com unhas e dentes ao gerifalte... ao próprio Deus, se nutrisse veleidades de se fazer freira. Ah! mas tinha a certeza que as duas pródigas tornariam ao redil! Era questão de tempo.

Abriu o *Deseoso*, mas aquela literatura melada, convencional, enfadou-o. Discorreu pelas *Confissões* e, entre tantos anceios e lutas interiores, só uma passagem se coadunou com a sua alma quebrantada. É quando o prosélito roga Àquele que está sentado à mão direita do Deus pai o cure de seus insuportáveis e iníquos langores. Lançou mão da *Bíblia* e breve o *Eclesiastes* se senhoreava dêle, rendido, embriagado da linfa fresca, cantante, que acalma a febre dos que sofrem, tudo desejam, ou o tédio dos que mais não sabem desejar. Leu, releu, encadeando, depois, os versículos que deixam na bôca resaibos de caramelo e no sangue um tóxico benigno e capitoso.

Estava saboreando as divinas máximas, viu uma sombra breve mover-se na mancha de sol, que se chapava no sobrado da varanda, e ergueu os olhos. Asas em revoada... era a *Júlia*, que tornava... que descia em flecha sôbre o telhado da Candidinha! Identificou-a pelo laço côr de rosa que trazia ao pescoço e punha em sua plumagem baça o sêlo vistoso duma suave e benévola escravidão. Pareceu-lhe inquieta, com o ar descomposto dos tresnoitados. E satisfeito, considerou que nunca êle se enganara quando antepunha às fôrças natas do instinto as fôrças conscientes de formação.

Agradecido a Deus, reconfortado no seu fôro íntimo, como a rôla se demorasse, pôs-se a chamá-la, ora arrulhando, ora lançando o seu nome o mais ternamente que sabia:

— *Júlia! Júlia!*

A ave escutava-o, via-o, e meneando a cabeça com uma mobilidade só comparável à do pensamento, não tinha pressa de se render ao invite. Pediu trigo à Candidinha; e, peneirando-o de alto, por entre os dedos, de modo a fazê-lo tilintar no soalho, esperou atrair a foragida. Mas nem assim a rôla se moveu. Retirou-se para dentro da casa e, disfarçado por trás das umbreiras da porta, esperou... Mas do pinhal partiu um apêlo, *cucurru, cucurru*, ao mesmo tempo doce e intimativo, voz de fauno, e em contra das blandícias, da fartura, da tranquilidade, a rôla bateu asas e disparou.

A Candidinha sorria:

— É tudo assim, meu senhor. Cada um corre ao fado para que nasceu!

Dâmaso ficou meditabundo, sentido mais de seu lôgro que da fuga da ave, mas, recordando-se das palavras do *Eclesiastes*, assentou que também êstes pensares eram vaidade de vaidades. E, sacudindo como inconsistente a idea supersticiosa que pusera na fabuleta, engolfou-se de novo no livro do mais sábio e delicioso dos homens. Agora, porém, era a Silvana que entrava com o correio, viva, desembaraçada, um pouco prazenteira a mais para a meia penumbra em que se aprazia seu gôsto de anacoreta. Também ela trazia nos olhos um sorriso malicioso, um sorriso que comentava a revelia da *Júlia*. E Dâmaso reparou pela primeira vez que os olhos dela eram bonitos e os dentes brancos lhe enfeitavam a primor a bôca saüdável. Reparou mais que à flor do rosto lhe brincava o mesmo lume de graça, de indizível sortilégio, que o seduzira na outra, aquela Maria da Encarnação, lançada ao vento do esquecimento, por mercê de Deus. Acudiu-lhe ainda, em faceto discorrer, que arrenegara dos faunos e tinha de portas a dentro uma *silvana*. E, desenvencilhando-se dum vago e doce torpor, abriu a correspondência. Uma carta era do irmão, com farmácia em Foscôa, a comunicar que os proclamas para o casamento da Maria José começariam a correr naquele domingo. Aleluia, seu coração se iluminava! Outra, do bispo, a convidá-lo para reger a cadeira de dogma, a sua antiga cadeira, e a acenar-lhe com o canonicato. Depois da inefável alegria que lhe causara a primeira nova, êste anúncio ao seu orgulho deixava-o indiferente. Valia a pena?

Entardecia. A Silvana saíu e entrou com o cantarinho cheio, direita, esgalgada, donairosa, argumento supremo das bondades do Criador. Veio-lhe uma vontade insuperável de tornar a ver diante de si, bem de frente, os olhos grandes e joviais, que deixavam descortinar, como vidraças, o fundo calmo, limpo de terrores e metafísicas, duma alma singela e amorosa, e chamou:

— Dás-me água Silvana?

Acudiu a mocinha, submissa como as escravas de Abraão, e, dobrando o cântaro no próprio ombro, à maneira bíblica das aldeias, lhe matou a sêde...

AQUILINO RIBEIRO.

A aparecer brevemente:

*ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES*

Edição das Livrarias AILLAUD E BERTRAND

# FEMININA

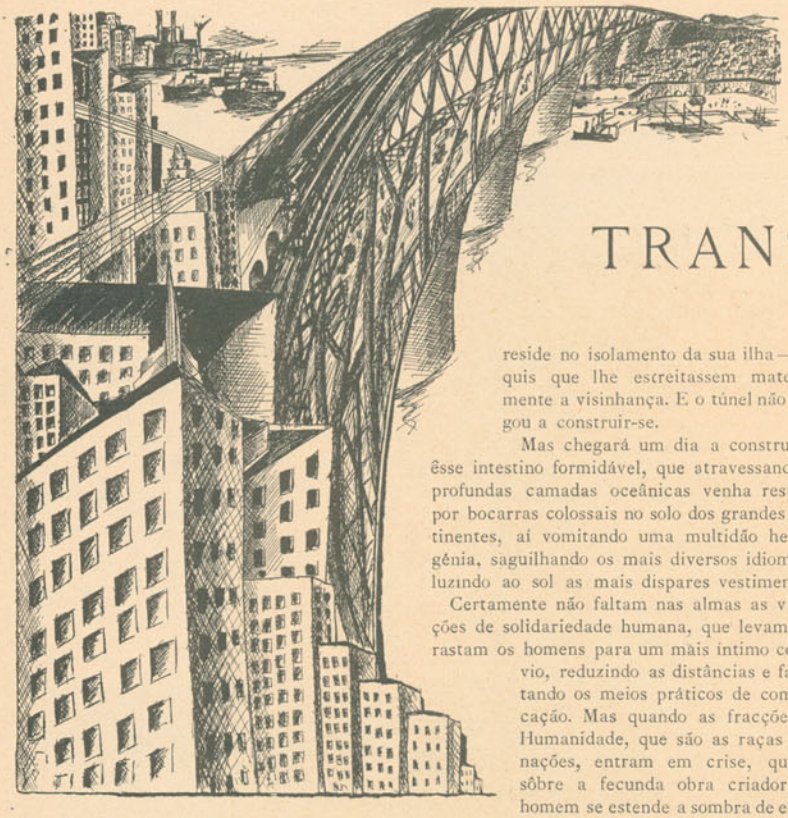
## TOILETTES E SAÍDAS DE BAILE

As toilettes de noite são êste ano caracterisadas por invulgar sumptuosidade. Nunca como no momento que passa se constatou uma tão grande insatisfação pelo que respeita ao luxo, à riqueza de tecidos e adornos destinados às toilettes de grande cerimonia. Confessemos que a indústria textil interpretando o sentimento de arte e estética que rege a elegância da mulher moderna, capricha em criar verdadeiras maravilhas de gôsto e riqueza na composição dos tecidos os quais, por um extraordinário prodígio de arte, conseguem entretecer conjuntamente fios metálicos, sedas quási impalpáveis e as próprias pedrarias que ninguem acreditaria poder-se trabalhar assim.

Para a noite tôdas as riquezas e brilhantismos são agora adoptados. Os sumptuosos lamês de seda e ouro ou prata salpicados de pedrarias scintilantes, de bordados magnificos, aliados com as leves franjas de plumas, as flores e as gazes tenuíssimas, são os elementos principais na composição dos vestidos de alta cerimónia. A linha que os recorta é, na grande maioria, esguia e flexível, mas isso não impede que os *drapés*, os franzidos e mesmo os folhos, (êstes principalmente de tule) figurem como assuntos decorativos na grande maioria dos modêlos.

A completar a magnificência destas toilettes, a moda juntou-lhes os riquíssimos chales amplamente bordados a ouro, prata ou sedas multicôres, guarnecidos com altas franjas de seda minuciosamente trabalhadas, que as elegantes usam com requintada graça e distinção.

E o caso é que nenhuma senhora verdadeiramente elegante ousa hoje aparecer num baile sem levar como complemento da sua explêndida e scintilante toilette um sumptuoso *manton* recamado de bordados e franjas ondulantes.



# O SONHO DAS PONTES TRANSOCEÂNICAS

Houve uma época, antes da guerra, em que a engenharia literária, a engenharia poética, a engenharia que realiza pouco — mas que destroi as lendas do inverosímil, os dragões da inércia e da descrença, os Adamastores de tôdas as grandes obras sonhadas em voz alta — tinha uma preocupação julioviernesca: a de perfurar os oceanos com galerias submarinas que ligassem os continentes e as ilhas; a preocupação de estenderem intestinos de aço e de cimento ao longo dos mares, transformando assim o seio das águas em ventres prenhes de combóios e de uma multidão enorme e cosmopolita.

O túnel submarino ou, antes, o sonho do túnel submarino nasceu duma inspiração genial: foi um engenheiro romancista: Karl Kermann, autor do livro que alcançou o mais ruidoso êxito do mercado internacional desde o princípio do século—superior talvez ao próprio «Quo Vadis?»: O TÚNEL.

E Kermann, em quási quatrocentas páginas de bôa prosa, firme técnica e poderosa dinâmica de escritor imaginativo moderno, construia uma galeria que segurava nos dois continentes, o Novo e o Velho — em cujas entranhas se cruzariam expressos com a velocidade de balas Krup.

E sob a sugestão dessa obra — os outros engenheiros, os práticos, os que traduzem as imágens literárias por algarismos, quiseram adaptar às possibilidades da época o sonho de Kermann. Não se fazia um túnel ao longo do Atlântico: contentar-se-iam em ligar Inglaterra ao Continente Europeu através dum túnel, sob as águas da Mancha. Fizeram-se planos; arregimentaram-se as cifras do orçamento — a França estava disposta a capitalizar o projecto. Mas o sonho desfez-se em fumo. A prudente Inglaterra, que sabe que o segrêdo da sua soberania mundial reside no isolamento da sua ilha — não quis que lhe estreitassem materialmente a visinhança. E o túnel não chegou a construir-se.

Mas chegará um dia a construir-se êsse intestino formidável, que atravessando as profundas camadas oceânicas venha respirar por bocarras colossais no solo dos grandes continentes, aí vomitando uma multidão heterogénia, saguilhando os mais diversos idiomas e luzindo ao sol as mais dispares vestimentas?

Certamente não faltam nas almas as vibrações de solidariedade humana, que levam, arrastam os homens para um mais intimo convívio, reduzindo as distâncias e facilitando os meios práticos de comunicação. Mas quando as fracções da Humanidade, que são as raças e as nações, entram em crise, quando sôbre a fecunda obra criadora do homem se estende a sombra de exterminio que é a guerra, tôdas essas vibrações mudam de sentido e o sonho dos túneis, uma vez realizado, seria inexoravelmente destruído pelas estritas necessidades mútuas de defesa e isolamento.

*

Após a guerra a engenharia literária mudou de escola. O túnel deixou de ser a musa inspiradora dos deuses criadores dos mundos de ferro e aço e cimento. Já porque encontraram maiores facilidades de realização; já porque moralmente satisfaz melhor a imaginação dos engenheiros — o ideal da ponte substituiu o ideal do túnel.

As pontes que há poucos anos eram limitadas a curtas extensões; quando se considerava a que liga Stower a Levand City, com os seus simples quatro quilómetros, uma maravilha jámais ultrapassável — começaram a crescer, a aumentar, nos traços desenhados pelos engenheiros. E há duas semanas um engenheiro alemão, compatriota portanto de Kermann, declarou em alto e bom som:

— A ponte é hoje o problema mais fácil da engenharia. Existem fôrças intelectuais capazes de destruirem todos os atritos... Se os governos quisessem acabar-se-ia com a separação dos continentes. Surgiria uma Nova Atlântida, mais vasta, tôda de metal e de cimento...

*

Não sei se em todos os cérebros o glôbo terrestre gira tão à vontade como dentro do meu cérebro. E para ver dum só olhar e em todos os seus detalhes basta descer um pouco as pálpebras... E então, mentalmente, vou apontando a lápis sôbre as massas de águas — as pontes que o engenheiro alemão prometeu:

— Vejo primeiro a ponte do estreito de Gibráltar, que, estendida até Ceuta, ligaria a Europa à África. A travessia marítima, difícil sempre pela ferocidade do mar nessa porta do Atlântico — dura actualmente quatro horas. Um expresso que, sôbre a ponte, substituisse os velhos vapores da carreira, não levaria mais de quarenta minutos.

«Em quarenta minutos estava-se em África. E a seguir, juntando-se as margens dos rios que cortam o continente africano, numa série de linhas projectadas pelo Atlântico, cosendo-os com os pontos naturais de novas pontes, a ligação do novo caminho de Gibráltar a Ceuta, estender-se-ia até Cap-Town.

«Nesta altura o sonho permite-nos acreditar que a Inglaterra construiria uma ponte que a ligasse à França; — e assim um cidadão de Londres podia tomar a sua cabine de wagon-lit na estação da Vitória e só sair dela ao chegar ao Cabo.

«De Londres a Paris seriam dez horas de viagem; de Paris a Barcelona, vinte e duas; de Barcelona a Gibráltar sete; de Gibráltar a Ceuta, quarenta minutos; de Ceuta ao Cabo cento e quarenta horas. Total: sete dias do Norte da Europa ao extremo sul da África.

*

Uma segunda ponte se imporia à realização urgente: a ponte transatlântica.

A ponte transatlântica sairia de Lisboa e iria ligar-se ao continente americano em Boston; necessitava irradiar de uma respeitável altitude, do alto da Serra de Monsanto. Ali seria construída a grande estação dos expressos transatlânticos. Para que as ligações fôssem perfeitas; para que os viajantes de Londres ou de Varsovia não tivessem de mudar de combóio até o seu destino, na América, de Campolide sairia uma nova linha que, enroscando-se na serra, fôsse terminar na nova estação.

O engenheiro alemão, a que já me referi, declara:

«— A ponte transatlântica deve estar fechada em grades para o efeito moral dos primeiros viajantes. Assentar-se-ia, ao longo do Oceano, em cem mil pilares «Garbon», usados já na ponte de Shower — pilares fixos, sôbre o mar e enraizados no fundo do mar. Organizava-se por todo o caminho serviços de vigilância e inspecção de barcos especiais. A construção dessa ponte exigia um capital de 8.800.000.000 de libras; empregaria ao trabalho quarenta mil homens — e levaria cinco anos a fazer.

«Um bom expresso atravessaria essa ponte em trinta e quatro horas. De Lisboa ao Rio de Janeiro — contando com o Panamá, que seria um atrito, levariamos apenas cento e quarenta horas ou seja, seis dias».

Para que o abraço de ferro entre os continentes fôsse completo faltavam pontes que ligassem S. Francisco a Ychakama e Porto Artur. E, assim, a volta ao mundo em vez de custar oitenta dias de viagem seria realizada, sem mudar de combóio, em vinte e oito dias!

Um indiscreto que está lendo sôbre o meu ombro o artigo que vou teclando na Remington tem êste comentário irreprimível:

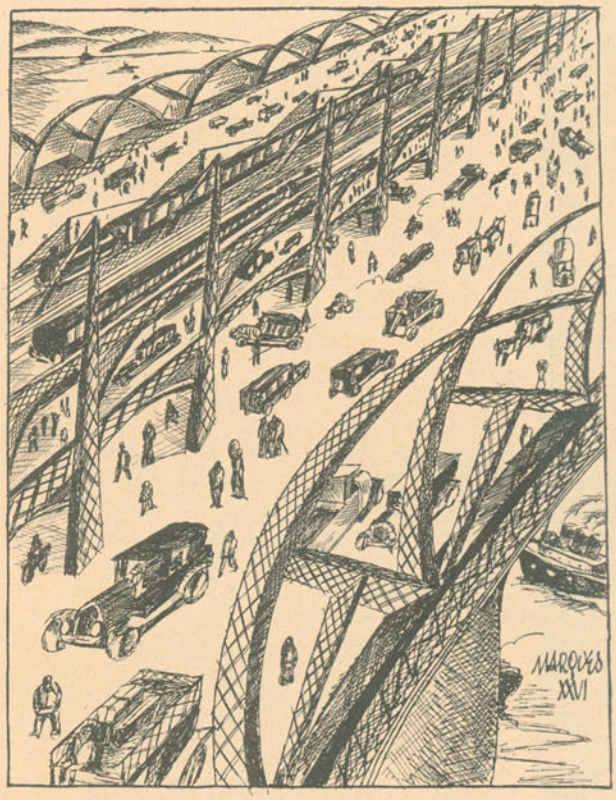
— Que quantidade de pontes sôbre o Tejo que estás a fantasiar aí...

Dizem os fumadores de ópio que o ópio produz um sonho que se dilata até o infinito; e que a sacudidela brusca do despertar provém do estrangulamento a que os muros do universo sujeitam êsse sonho... Sonhar mais além do universo é a pedra filosofal dos fumadores de ópio.

Mas já que nos estiramos na esteira da *fumerie;* já que atafulhamos a cabeça do cachimbo; já que lhe pegamos fogo ao ópio e mordemos o tubo e o aspiramos profundamente — que se vençam os *muros do universo* como ambicionam todos os fumadores de ópio.

Sonhamos com a ponte transatlântica. Que se leve êsse sonho à dureza duma quási realidade.

A viagem pelo mar, se entusiasma muita gente — apavora uma grande maioria. É a visão mil vezes romantisada dos naufrágios e ainda, para os que não temem o oceano, o suplício do enjôo. Essa grande maioria não hesitará em preferir o caminho seguro da ponte que a conduziria, rápida e com segurança, ao continente mais cubiçado dos europeus: a América.




Quantas famílias, das que creem nas árvores milagrosas que pingam patacas; quantas famílias que sentem a curiosidade tantas vezes espicaçada pelo scenário feérico dos países do novo mundo — não se conteem aterradas pelo mar? E tôdas elas se lançariam de bom grado na aventura transatlântica, se uma ponte estendesse o seu enorme braço de cimento e ferro através do oceano.

O embarque lógico, seria em Lisboa. Em Monsanto se ergueria a *gare* Europa-América. Era a gare lógica; a gare matemática. De Monsanto sairia a primeira ponte cujo último pilar se enraizava próximo da Praia das Maçãs.

Da Praia das Maçãs parte a linha mais curta que se possa riscar em direcção da América. Próximo à Praia das Maçãs erguer-se-ia o primeiro pilar da ponte que se projectasse em direcção ao Novo Mundo.

... Nessa época devia existir já a estação monumental de Entre-Campos, montada sôbre os arcos da Avenida da República, entre grandes hotéis e grandes restaurantes. O *Sud-Express*, comboio hoje apenas utilizado por meia dúzia de viajantes caprichosos e que funciona três vezes por semana, seria então, pelo menos, bis-diário; e a sua dúzia de *wagons-lits* formaria uma espécie de serpente eléctrica, que rebrilharia às últimas horas da madrugada e às primeiras da noite, a caminho de Lisboa.

E assim, tôdas as meias noites e todos os meios dias teriamos uma caravana cosmopolita, soberbada de malas, que as etiquetas dos grandes hotéis estampilhariam, descendo as escadarias da *gare* de Entre-Campos, espalhando-se pelos hotéis «Palaces» dos arredores ou invadindo os taxis que rodavam, velozes, em direcção ao centro da cidade. Cafés, *music-halls*, teatros alegres, parques de diversões encher-se-iam de italianos e de franceses, de alemães e de belgas, de austríacos e de russos, num arco íris variado, de cabeleiras ruivas e loiras e negras e castanhas; de crânios redondos e quadrados e triangulares, eslavos, saxónicos, latinos... Belezas de todos os tipos, dialectos de todos os idiomas...

Mas no dia seguinte, a uma hora certa, partiria o expresso transatlântico. E a caravana, dispersa durante algumas horas, sub-dividida e capitaneada pelos cicerones do *Cook*, do *American Express*, pelo *Metropol*, agrupar-se-ia de novo na Estação do Rossio para tomar o comboio especial que a conduziria à *gare* imensa de Monsanto.

A *gare* de Monsanto seria um gigantesco edifício de oito andares, levantado sôbre a cova onde se encontra actualmente o presídio. Dentro da *gare* de Monsanto o viajante encontraria as comodidades civilizadas para se demorar o tempo que lhe apetecesse. Hotéis, restaurantes, *music-halls*, cinemas, *grill-room*, *dancings*...

Um cálculo baseado pelas estatísticas dos que partem diàriamente para América — e dos que da América regressam ou veem visitar a Europa, adicionando-se-lhe o acréscimo dos que não atravessam o atlântico temendo o mar e que se deixariam seduzir pela ponte, permite fixar em cinco mil a população permanente da *gare* de Monsanto.

No último andar ficava a plataforma da ponte que atravessaria o atlântico. A máquina seria três vezes mais comprida do que as que vulgarmente tiram os combóios europeus. Enganchar-se-iam à máquina dois vagons com carvão. E depois seguir-se-iam as carruagens de luxo — com biblioteca, cinema, *fumoir*, salas de conversa e as *cabines*. Depois a primeira classe, com o seu *bar* e o seu *restaurant* próprios; e a segunda; e a terceira — enorme; a dos emigrantes: um total de quarenta e tantos vagons.

O pessoal, de fardamento elegante, trabalharia com azáfama, na limpeza, e a guindar a bagagem para os tombadilhos. Depois formar-se-ia a bicha, a apresentação dos documentos, a distribuição dos lugares e das *cabines* — divididas as classes por zonas fronteadas por gradeamentos apenas. E os amigos, os jornalistas, toda a população especial dos bota-fora.

E trilam os apitos da partida. Os adeuses... E eis que o expresso transatlântico, conduzindo dois milhares de pessoas para o outro continente, começa a rodar sôbre a ponte...

Mas a *gare* não se despovoaria... Passageiros sem lugar; outros retardatários propositados para saborear com mais tempo o ar do país desconhecido, ficariam espalhados pelos cafés, pelos *dancings*, pelos cinemas... Entretanto as grandes lanternas iluminar-se-iam: o expresso que vinha da América passara já a Praia das Maçãs... Os passeios do cais encher-se-iam de novo. Gente vinda de todos os países da Europa vem abraçar o parente, o amigo longos anos ausente, mal desembarque na Europa; os *reporters* das chegadas e partidas; os corretores de hotéis; os moços das bagagens; os cicerones das agências.

E o expresso entra nas agulhas. A máquina enorme, como um enorme paquiderme de epiderme de aço, tôda suada de gôtas negras e fugando fumo pela narina dilatada da chaminé, para, por fim... E uma nova caravana, bem diferente daquela que que partira horas antes, desce das carruagens, entre o *bru-ah-ah* e a gritaria dos corretores de hotéis e as exclamações e os berros alegres dos que aguardam os viajantes...

E eis que se erguem os muros do universo para êste sonho! Pode-se lá descrever o que seria então a vida de Lisboa?!

REINALDO FERREIRA.

# BELINOGRAMAS

De entre as descobertas admiráveis que ilustram o nosso século, destacou-se há anos, como uma das mais espantosas, a que consiste em transmitir pelo telégrafo eléctrico, não já uma série de sinais que exprimem, em linguagem especial, o nosso pensamento, mas a própria escrita tal como cada um a faz por seu punho, os desenhos e até as imagens fotográficas.

É maravilhoso, e a final de mecanismos tão simples, que uma curta descrição fácilmente os faz compreender. De resto, a transmissão telegráfica da escrita e das imagens faz-se já hoje em serviço do público, por preços que não são exagerados.

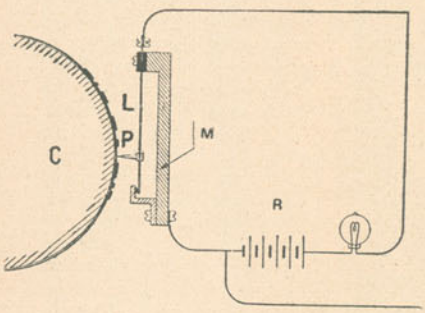



Fig. 1 — Aparelho transmissor

Nas estações telegráficas em que está montado o serviço de belinogramas, assim chamados do nome do seu inventor, Eduardo Belin, fornecem, a quem deseje fazer a transmissão, um rectângulo de papel de certa medida e uma tinta especial para com ela ser escrita a mensagem que se pretende transmitir. Traçados os caractéres, com a tinta ainda húmida, polvilha-se o papel com goma laca, que se fixa no traçado apenas, deixando liberta tôda a superfície que a tinta não cobriu. Êle é então colocado sôbre uma placa aquecida, do que resulta fundir-se a goma laca, ficando os caractéres desenhados em relêvo envernizado.

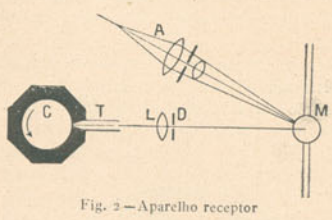



Fig. 2 — Aparelho receptor

Êste documento é colocado sôbre a superfície dum cilindro que se move em tôrno dum eixo, dando uma volta por segundo, e avançando, ao mesmo tempo, paralelamente a êsse mesmo eixo. Em frente do cilindro fica a ponta dum estilete, de modo que tôda a superfície do papel vai passando por diante dessa ponta, tocando-lhe quando passam os caractéres em relêvo, mas sòmente nessas condições. Ao estilete está ligada uma lâmina flexível; e como o mecanismo se intercala num circuito eléctrico, a corrente passa quando a ponta do estilete toca o cilindro, isto é, quando tem contacto com os caractéres escritos, e é interrompida em todos os outros pontos. Esta disposição do transmissor compreende-se fácilmente examinando a fig. 1.

Vejamos agora o aparelho receptor:

Êste é essencialmente constituido por um galvanómetro muito sensível, um oscilógrafo, cujo pequeno espelho se desloca, fazendo um ângulo com a sua anterior posição, quando qualquer corrente eléctrica, mesmo de fôrça mínima, atravesse o aparelho. Há um delgado feixe luminoso, enviado por um sistema óptico representado em A no esquema da fig. 2, que incide sôbre o espelho, de aí é reflectido sôbre o diafrágma D que o conduz à lente L, vindo a dar uma imagem reduzida no foco conjugado da lente. Neste foco coloca-se um cilindro igual ao do aparelho transmissor, com movimento de iguais sentido e velocidade, coberto por papel sensível de gelatinobrometo de prata. Claro é que êste papel sensível tem de ser protegido contra a luz ambiente, isto é, o cilindro, representado na figura em C, está metido numa caixa que só deixa passar a luz no extremo do tubo T, talhado em ponta. É como um lápis que escrevesse com um raio de luz.

Compreende-se agora como se reproduzem os manuscritos e os desenhos no posto receptor: Regula-se o oscilógrafo por forma que em repouso, isto é, quando não passa corrente eléctrica, o espelho reflicta o feixe luminoso em linha que não passe pela abertura do diafrágma, e que, por ocasião da passagem da corrente, o feixe de luz transponha êste, atravesse a lente D e vá impressionar o papel sensível. A cada passagem de corrente, portanto, isto é, quando a ponta do estilete do transmissor passar sôbre os caractéres escritos, o lápis de luz escreverá sôbre o papel sensível do aparelho receptor.

Para transmitir fotografias a complicação é maior. Emprega-se então um papel de gelatina bicromatada, mistura que tem a propriedade de se tornar insolúvel sob a acção da luz, formando relêvo proporcional à intensidade dessa luz. Ao negro retinto da fotografia correspondem então as partes cavadas do papel, e aos brancos as mais salientes. Entre êsses extremos fica tôda a gama das meias tintas, representadas por relevos maiores ou menores.

Da fotografia original tira-se então uma prova em papel sensível de gelatina bicromatada, e transporta-se esta para o cilindro transmissor a cuja ponta é adaptado um microfone. Dêste modo, conforme o relêvo seja mais ou menos saliente, assim a corrente atravessará o aparelho com mais ou menos facilidade, e o galvanómetro do aparelho receptor acusará essas diferenças, depois de lhe ter sido feita uma modificação que consiste em substituir o diafrágma por um vidro cuja transparência, de baixo acima, vai da mais completa até à nula, isto é, até à absoluta opacidade. Por êste modo, conforme o ponto da imagem a transmitir é mais ou menos claro, assim o raio luminoso que provém do espêlho do galvanómetro atravessa o vidro em parte mais ou menos transparente.

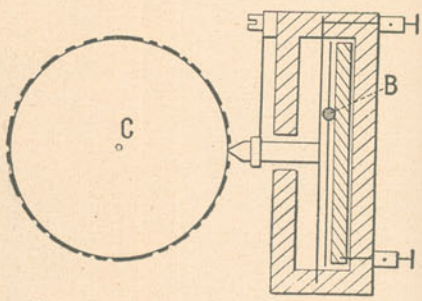



Fig. 3 — Microfone aplicado ao aparelho transmissor

Fig. 4 — Preparação de uma mensagem para ser transmitida

E assim se explica, com esta simplicidade, uma das maravilhas do nosso tempo, que será objecto de uso comum para as gerações de amanhã.

F. Mira.

# EVOCAÇÃO DE OUTONO

## CHOPIN

Chopin morreu com trinta e nove anos, quando o outono ascendia para o zenith da sua marcha, quando a folhagem de muitas árvores havia caído já para sempre. Em dezassete de Outubro de 1849, às quatro horas da madrugada, depois da condessa Potocka ter cantado, a pedido dêsse inegualável artista do piano, qualquer ária, que tanto pode ter sido a *Beatrice di Tenda*, de Bellini, como um psalmo de Marcello, uma ária de Pergolese, ou um hino de Stradella, tão divergentes andam os biógrafos; morreu Chopin nos braços dum dos seus melhores discípulos Gutmann, balbuciando débilmente estas duas palavras de amor: Caro amigo. Caíu sereno como uma flor que uma viração fresca da manhã arrebatasse, e o seu rosto ficou calmo, lívido sem uma ruga, tal qual se a Morte se arreceiasse de o vincar em amargura.

Essa beleza moça, onde pairavam sonhos insatisfeitos pintou-a, quando ela ainda estava quente, quási a palpitar, o pintor Kwiatkowski, modelou-a Clésinger num arrebatamento de verdade simplesmente primoroso. E, quando, treze dias depois, o corpo numa decomposição apressada, foi a depositar nesse Père-Lachaise, onde dormem os maiores génios da raça latina contemporânea, ao pé de Bellini, a mão piedosa do conde de Wodzinski lançou sôbre o caixão um pedaço daquela terra sonhadora da Polónia com cuja raça a França chorou em unísono as desventuras.

Mas, Chopin não morreu, a sua música ficou para sempre, eterna, imaculada e até os que nunca a ouviram, conhecem o músico, tão, de bôca em bôca, anda o seu nome, tão próximo dos corações, tão chegado às almas, principalmente às que se debatem na incerteza, no desalento, na dor! Poucos compositores andarão tão ligados ao sofrimento, como êsse encantado polaco que viveu a chorar a agonia do seu país.

A França, enlevada na honra de o ter possuído, ergueu-lhe dois dos mais significativos monumentos que à sua memória têm sido esculpidos, no Luxembourg e no Parc Monceau. Varsóvia consagrou agora o génio, precisamente quando passaram setenta e sete anos sôbre a sua morte.

* * *

Chopin foi um músico caracterizadamente pessoal. Não há quem se lhe compare. O executante e o compositor irmanam-se. É um grande abraço de Beleza que os une. Mas Chopin é essencialmente um aristocrata da forma, um cinzelador da vida faustosa dos salões palacianos. Não há nas suas composições um sentido grosseiro. A própria volúpia que se exala das notas mais scintilantes de plasticidade, rescende aromas de enebriamento patrício. Dir-se-ía que a sua linda «mão esquerda» ao acariciar as teclas do piano desenhava curvas femininas, gracis, carnações rosadas, explendores de imagens, contornos harmónicos, que espiritualisando constantemente o som na sua passagem da vibração instrumental para a sensibilidade auditiva na sua íntima consonância de relação com a sensibilidade humana, abriam esvoaçamentos na lubricidade dos altos mundanismos.

Mas o sentimento andou a tateiar o descritivo e o Mestre que foi Chopin, venceu pela clara manifestação da sua alma límpida, impôs a sua

personalidade como um escol que no músico foi à suprema perfeição. Nunca foi o *brouhah* parisiense, visto através do seu estridor das ruas, que moveu a inspiração fértil do pinanista e do maestro compositor. Pelo contrário era o perfume adejante de graça e penetrante de intenção que ditou a delicadeza das suas estrofes musicais, os recantos mais graciosos das suas notas mais explendentes de côr e de galanteria.

Essa *sensiblerie* extranha que ataca os temperamentos pujantes de criação, traz sempre em si o germen duma beleza oculta que se condensa em fulgidas vibrações de encantamento e que constitui o mirífico segrêdo daqueles por onde resvalou a centelha do génio. E, nenhum músico compreendeu, melhor e mais elevadamente, o requinte que se exala de frivolidades elegantes do que êste Chopin, ora torturado, era ingénitamente contemplativo, que trouxe da vida para a vida um hálito de emoção, dificilmente igualada ainda mesmo quando nos aproximamos pelo coração e pelos ouvidos de Schumann e Mendelssohn que são os que mais semelhantemente se guindaram à proximidade da eminência dêsse grande espirito. O cambiante variado que se dilui em tôda a renda feminina de lavores sónicos que é a literatura musical de Chopin, estende-se através das suas frases embaladoras ou vivas, dolentes ou tranqüilas, e que são as valsas, os noturnos, as polacas e os «impronptus».

O músico de raça que concentrou ousadamente no piano, algumas das melhores obras primas do melodismo contemporâneo e que, enlevado dêste instrumento só para êle quis escrever, furtando-se aos efeitos de orquestrações retumbantes, tem como característica dominante, duma extrema flagrância, do seu feitio artístico, o cavalheirismo e marcialidade das suas «polacas», a fantasmagoria evocativamente nacionalista das suas baladas, a dolente estilização das suas valsas e mazurcas, a sombria melodisação dos seus noturnos admiráveis, composição das mais recortadas de intenção que a alma dum músico tem podido tecer em lampejos de ritmo. Chopin nunca desceu em processos de sentimento, a realismos prosaicos, a materialidades que podessem ser sequer enunciadas. Não foi sem efeito seguro, sem aproveitamento sólido que leu Bach e Mozart, chegando a preferir tocá-los, nos momentos que antecediam os concertos que dava, e em que natural era que se exercitasse na sua própria obra. A compleição extranha do artista reflectiu-se no perfil encantador da sua obra magnífica que é uma catedral de góticos flamejantes em que não há pela extensão, espaventos de linhas, mas onde se faz a reflexão da Beleza embrenhada nas fugidias concepções da arte vivida pela corrente admirável do espiritualismo arquitectural que engendrou tôda essa pormenorização inspirada, cantante, animada em arroubamentos místicos, que povoa os monumentos da ogiva.

Chopin continua a viver, a ter a sua soberania nos corações privilegiados, videntes, batidos pela asa do êxtase e, não há quem saiba amar e sentir que não pronuncie o seu nome como uma prece cheia de elegismo religioso. E, neste momento, mais uma vez êle é recordado na hora em que a devoção dos seus compatriotas soube elevar-lhe um monumento em Varsóvia, porque o músico na solidão do seu exílio, incarnou o sonho da Polónia, a sua ânsia de libertação. Chopin na frase feliz de Louis Enault foi mais polaco que a Polónia. E enquanto numa das salas do Museu Pleyel, em Paris, se guarda como uma relíquia o seu velho piano de acajú, dormindo o seu sonho de glória, a frase de Schumann sôbre Chopin há de viver sempre — *Senhores, tirai o chapéu que passa um Génio!*

NOGUEIRA DE BRITO.

# A EVOLUÇÃO DO PENTEADO

Quando nos surgiu no horisonte incerto da moda a voga dos cabelos cortados, gritou-se aos quatro ventos, pela tuba da indignação alarmada, que nunca o mundo testemunhára tão insólita fantasia, tão imprudente capricho. Os espíritos conservadores,—que eram em maioria—alegavam em reforço de seu protesto, que uma cabeça feminina, talhada pela tesoura do cabeleireiro, ficava, além de imprópria e inestética, desprovida da sua graça natural, revelando uma audácia de apresentação e costumes, um desprêso pelas conveniências estabelecidas desde tempos recuadissimos, em tôdas as sociedades, visinho da imoralidade.

E sempre defendendo o encanto duma cabeleira magnífica caindo sôbre os ombros da mulher como sumptuoso manto de beleza, os adversários dos cabelos cortados declaravam, seguros do seu conhecimento, que nunca, em tempo nenhum, a sociedade consentira à mulher moralmente bem cotada o corte dos cabelos. E para prova da asserção, lembravam o insucesso duma tentativa relativamente recente, à qual apenas algumas, poucas, senhoras se afoitaram, aí pela altura de 1885, para logo, vencidas pela reprovação da grande maioria, desistirem do intento, apressando-se a cobrirem os cabelos cortados, aguardando com a indispensável resignação que êles atingissem dimensões favoráveis à composição dum penteado, com artísticas cabeleiras.

E todavia, por muito que a constatação pese aos detractores dos cabelos cortados, êles tiveram sempre, ao longo da estrada interminável dos milénios, larga voga. Desde os tempos longinquos das civilizações anteriores a Cristo, quando as damas egipcias, e as esposas dos faraós faziam rapar as suas cabeças para as cobrirem com cabeleiras curtas,—remotas precursoras das cabeleiras à *garçonne* dos nossos dias—até à quadra fastosa durante a qual Versailles explendeu e estadeou a complicada arquitectura das inverosimeis cabeleiras monumentais, a mulher, em períodos mais ou menos demorados, fêz cortar os seus cabelos.

É certo que esta liberdade, fora do âmbito religioso, era apenas permitida às mulheres das classes privilegiadas. As próprias matronas romanas, no tempo dos Césares, cortavam os cabelos, em holocausto à moda, porque é certo que escondiam as cabeças desprovidas do mais formoso adôrno feminino sob cabeleiras curtas de diversas côres,—outra pretensa inovação dos tempos correntes, que se procura fazer adoptar para as ocasiões de grande cerimónia. Do que não resta dúvida, é que o corte dos cabelos na mulher, significou em todos os tempos acto de humildade e renúncia a solicitações da garridice e da vaidade.

Na época do paganismo, as sacerdotisas votadas ao culto de Vesta, cortavam os seus cabelos. Mais tarde as virgens cristãs, atraídas para o silêncio do claustro, sacrificavam sem pena as suas formosas tranças. E o mesmo faziam as antigas hebreas, quando transpunham os umbrais do casamento, cortando os seus cabelos—para não agradarem a outro homem, além do seu esposo,—no geito que hoje designamos—à inglesa—e que as elegantes dos nossos dias adoptaram com entusiasmo.

É, porém, fora de dúvida, que mesmo nêsses tempos remotos, em que o sentimento da elegância era ainda confuso, e o realce da beleza da mulher, por meio dos artifícios de toucador e dos adornos, era ditado por estranha e convencional compreensão da estética e do bom gôsto, a abolição dos cabelos compridos era já considerada como prejudicial ao prestigio da formosura. Então, como hoje, havia muitas opiniões contrárias ao corte dos cabelos, muitas sátiras alvejando as escravas da moda (?) que tão levianamente os sacrificavam.

Reconheceremos, entretanto, que nos discrepantes de então assistia mais razão do que aos de agora, os quais, valha a verdade, vão desertando, vencidos ou convencidos, das fileiras de combate.

É que a idea de *rapar* o cabelo, não foi precisamente ditada por uma estesia inteligente, ao passo que o corte elegante que os cabeleireiros sabem dar hoje aos cabelos femininos, concorre muito para rejuvenescer a mulher. É claro que não queremos trazer ao campo da discussão a horrivel tentativa, feita últimamente na Alemanha, de cortar os cabelos...—à escovinha (!).

Os exageros, em nenhum tempo foram afirmação de bom gôsto...

Mas o que é certo é que há certos rostos femininos deliciosamente expressivos, os quais as cabeças—à *Bobo* ou à *João-sinho*—completam com imprevista graça.

Depois, a vida hodierna, febril, rápida, movimentada, não permite já à mulher uma demora muito prolongada em frente do espelho, como sucedia às contemporâneas da encantadora marquesa de Sevigné, para formarem os cachos de caracois que lhes pendiam inquietos, buliçosos, aos lados das faces, ou às de madame de Pompadour, obrigadas a cobrir de polvilhos leves e perfumados a aureola de encanudados caprichosos, dispostos com paciente apuro em tôrno das frontes ebúrneas e ruborisantes.

Por agora, e decerto mais longamente ainda do que sucedeu nos tempos dos faraós e dos fervorosos cultos à deusa moda ainda misteriosamente embuçada num manto de simples capricho contagiante, os cabelos cortados são lei que tôda a mulher moderna, elegante e prática, acata e proclama deliberadamente, consciа de que caminha a par do progresso, curvando-se às suas exigências e imposições, quando mesmo elas lhe acarretem rudes sacrifícios.

Mas, por homenagem à verdade, não continuemos atribuindo a uma desorientação da hora que passa, a invenção dos cabelos cortados. O passado, êsse passado maravilhoso, quási lendário, que a nossa imaginação, galgando afoita muitas dezenas de séculos, anceia sempre perscrutar, já nos tinha legado os modêlos de cabecitas modernas que tanto tem arrelíado os espíritos românticos, eternamente enamorados das longas, doiradas e sedosas tranças femininas.

CARLOS REIS — A feira

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

# -CINEMA-TOGRAFIA

## O LADRÃO DE BAGDAD

Ahmed, o ladrão de Bagdad...

DENTRE a aluvião de filmes inteira e exclusivamente comerciais que a grande indústria norte-americana tem lançado sôbre o mundo inteiro, destacam-se algumas grandes produções verdadeiramente artísticas e de um valor absolutamente notável. «Os dez mandamentos» da Paramount, «Nossa Senhora de Paris» da Universal e «Robin dos Bosques» dos Artistas Unidos, são especimens magníficos desta classe de filmes, mas entre tôdas as obras de arte americanas, avulta a formosa lenda oriental de Elton Thomas, composta para a arte incomparável de Douglas Fairbanks e que o mundo admirou sob o nome de «O ladrão de Bagdad». Êste filme prodigioso, em que se esgotaram todos os grandes truques fantásticos conhecidos, em que a decoração e a enscenação são maravilhas de arte, de estilização e de explendor, baseia-se no curioso argumento que a seguir publicamos.

Em Bagdad, a cidade de muitas maravilhas, Ahmed, o ladrão, vive apenas da rapina. Perseguido através as ruas da cidade por ter roubado uma corda mágica, consegue fugir graças ao precioso objecto roubado e entra numa mesquita à hora da prece. Ouve então com ar de troça as palavras do Vizir: «oh verdadeiros crentes, merecei pelo trabalho a vossa felicidade em nome do Deus da Verdade!...» e responde-lhe logo: «Estás a mentir! Eu sou crente mas tudo aquilo que me apetece eu o tomo de onde está... e sou feliz!...» E impávido sai da mesquita deixando o pavor e o espanto entre os fiéis. Consigo leva a corda mágica e nessa noite entra no palácio do Califa. Enquanto vai roubando pedras preciosas aos punhados, chega aos seus ouvidos o som longínquo duma melopeia. Fascinado por aquela música, chega ao quarto da princesa. Contempla-a então longamente!... O sôno da princesa é agitado... a sua mão toca os dedos de Ahmed que vão acariciar-lhe os cabelos e despertando sobressaltada lança um grito de pavor. O ladrão esconde-se, mas é surpreendido por uma escrava mongol que reduz ao silêncio pela ameaça do seu punhal. Após mil dificuldades consegue fugir mas logo sabe que a princesa, que atingiu os dezoito anos, deve escolher um marido. Três pretendentes aspiram à sua mão. O príncipe da Mongolia, o príncipe das Índias e o príncipe da Persia. Mas no dia marcado para receber os pretendentes no palácio, apresenta-se um quarto príncipe; «o príncipe Ahmed». É belo, esbelto e monta maravilhosamente um maravilhoso cavalo. A princesa apaixona-se por êle mal o vê. Algumas horas depois, na sala do trôno, o anel de noivado é entregue a Ahmed. Transformado pelo amor, pede então à princesa que renegue aquela promessa visto que lhe confessa ser apenas um ladrão. Denunciado, por ordem do Califa é depois expulso. Mas leva como talisman o anel que a princesa não quis tirar-lhe. O Califa de novo pede à filha que escolha um marido entre os três príncipes. A princesa, não ousando dizer a seu pai que não quer nenhum dos três reais pretendentes, declara, afim de ganhar tempo, que casará com aquele que, dentro do prazo de sete luas, lhe traga o mais precioso tesouro do mundo. Ahmed que sabe isto torna à mesquita e lança-se aos pés do Vizir que, vendo como a alma dêle deseja agora, sinceramente, merecer a sua felicidade, lhe indica o caminho da Bocêta mágica que lhe permitirá aspirar à mão da princesa. Ahmed empreende uma perigosa viagem e passa, vitorisamente, o primeiro obstáculo; o Vale dos Monstros. Depois, chega ao Reino de Cristal, no fundo dos mares. Depois de ter resistido ao chamamento de atraentes e mui belas sereias, atinge sem temor o alto da Escadaria dos mil degraus, domina o Cavalo Alado e de-

Sob a ameaça do seu punhal, Ahmed conseguiu o silêncio da escrava mongol...

Lenine, velho e doente, reproduzido «po-t-mortem» no filme alemão «Die Wiskottens», pelo actor Heinrich Peer.

matográficos. O seu poder iluminante é de oitocentos milhões de velas. Êste formidável feixe luminoso pode ser eficaz até à distância de cem milhas ou sejam quási 160 quilómetros de distância!!... Este *brinquedo* está montado sôbre uma tôrre telescópica de vinte pés de altura.

▪ ▪ ▪

Gerard Hauptman, autor de «Os Tecelões», vai escrever em verso os títulos para o super-filme «Fausto». Serão 750 quadras pelas quais o grande dramaturgo receberá a módica quantia de 500:000 francos ou seja meio milhão.

«Alma de Gœthe... vela a tua face pura!...»

▪ ▪ ▪

Alfred Savoir que já forneceu à Paramount os scenários tirados das suas comédias «8.ème femme de Barba-bleue», «Banco» e «La Grande Duchesse et le Garçon d'Étage» de que aquela firma fêz três deliciosos filmes com Adolphe Menjou, acaba de partir para Hollywood, contratado para escrever mais três argumentos originais.

safia as labaredas da Caverna do Fogo. O seu amor pela princesa é como uma invisível armadura que o conduz sem perigo até à Bocêta Mágica. Durante êste tempo os príncipes buscavam o tesouro cubiçado. O Mongol que cubiça Bagdad deixa o seu conselheiro na cidade, para que êste forme secretamente um exército prestes a assaltar o palácio. Ao fim da sexta lua os três príncipes tornaram a encontrar-se às portas da cidade. O príncipe das Índias achou uma bola de cristal onde se pode ler o presente e o futuro. O príncipe da Pérsia, o Tapête Voador e o príncipe Mongol traz a Maçã de oiro que conserva a saúde e dá a vida. Para se assegurar da mão da princesa, não hesita em enviar um emissário que a envenene ao findar da sexta lua. Querendo experimentar as virtudes da bola de cristal, os príncipes sabem do estado da princesa. Com a ajuda do Tapête Voador partem em seu socorro e graças à maçã de oiro, consegue salvá-la.

Enquanto o Califa e a côrte deliberam para ver qual dos três príncipes deve casar com a princesa, os mongóis atacam a cidade e tomam o palácio. Ahmed que, possuidor da Bocêta Mágica, também caminhára para Bagdad, sabe desta nova e sem perder um minuto, corre em socorro da cidade. Usando da onipotência do seu tesouro, faz sair do solo um Exército Mágico de cem mil lanças que retoma Bagdad e liberta o Califa. Graças ainda à Bocêta Mágica, Ahmed vai ter com a princesa sequestrada muito longe, liberta-a também e sôbre o Tapête Voador a leva por ares e ventos para a cidade do Amor e dos Sonhos... (Produção Artistas Associados).

▪ ▪ ▪

A Companhia «Metro-Goldwyn» vai levar ao écran a célebre novela «Ana Karenina» de Tolstoi: Será Lilian Gish a principal intérprete e a direcção será confiada à autoridade excepcional de Clarence Brown.

▪ ▪ ▪

Mais uma «Dama das Camélias» no cinema. A primeira, a de Vitória Lepanto, não é do nosso tempo. Pertence à infância do cinema; a segunda, triunfo da cinegrafia italiana, marcou o apogéu da arte de Francesca Bertini e a terceira foi um colossal fracasso para Alla Nazimova e Rudolfo Valentino. A «star» de agora, será a sublime Norma Talmadge e a produção, editada por «Artistas Associados» deve ser dirigida pelo grande Fred Niblo. Veremos...

▪ ▪ ▪

Acaba de se construir em Culver City um gigantesco projector eléctrico para efeitos cine-

«A divina Bertini» como chamavam á grande trágica italiana regressa á actividade dos estudios no filme «O Fim de Monte Carlo»

# A JANELA ILUMINADA

*Setembro, 12.*

Escrevia nesta suave madrugada de setembro, quando um grito voou sôbre o ruido das ondas, estarrecendo a negridão da noite. Ah! se em mim só houvesse ideias, se eu já conseguisse dominar o instinto, se já não obedecesse aos impulsos humanos, êsse grito não me teria feito pousar a caneta — ter-me-ia, pelo contrário, deixado indiferente.

Mas não... Afinal eu sou um homem como os outros, talvez mais sensível do que os outros, e por isso mais fácil de ser ferido...

Ergui-me e corri para a janela, para a minha janela vermelha e eternamente solitária na solidão da noite... E abri-a.

Com uma lufada de ar, que me gelou, entrou na sala um novo grito, mais vibrante, mais nítido, mais desesperado do que o primeiro...

«Socorro!»

Rápidamente atravessei a casa e saí para a noite — para os rochedos que se erguiam lá em baixo, nas trevas...

A lanterna que eu levava, projectando no mar uma tíbia luz, revelou aos meus olhos um corpo de mulher e uma pequena embarcação voltada...

— Uma corda! Atire uma corda! — pediu-me.

— Não tenho nenhuma. Mas a senhora está perto de terra. E provàvelmente aí já tomará pé... Experimente... Espere... Eu vou buscá-la...

E dispunha-me a entrar na água, quando a náufraga me disse:

— Não é preciso, obrigada! Realmente aqui há pouca profundidade! Não se molhe... Eu vou já.

E veio. Veio arrastando a embarcação — uma pequena *yole* de *sport*. Quando a vi próximo de mim, pensei em sereias e em Afrodite — personagens literárias que logo se desvaneceram.

— Muito obrigada, por ter vindo! Se não fôsse o senhor, eu teria morrido... de susto, pois nunca me lembraria de verificar a profundidade...

— A noite está tão escura...

— É verdade! Deve ter sido da noite...

— Mora longe daqui?

— Não; moro no Estoril...

— Meia hora de viagem... Se quer, acompanhá-la hei...

— Não vale a pena. Daqui a nada amanhece... Vim fazer um pouco de exercício de remo, pois êste ano pensamos organizar umas regatas femininas... Mas a primeira vez que saio sòzinha, sucede-me logo êste precalço! .. Aproximei-me muito da costa e as ondas viraram-me a embarcação...

— Saiu muito cedo...

— Cedo, não; às quatro... O exercício só é bom antes de nascer o sol.

Contemplei-a melhor, enquanto ela, dispensando o meu auxílio, puxava a *yole* para terra.

Era bela, nova e perturbante. O vestuário, escorrendo água, modelava-lhe o tronco e deixava a descoberto os braços e as pernas. E até o biquito dos seios se desenhava nitidamente sob a roupa húmida.

— Você está tôda molhada... — disse eu, mudando de tratamento e estabelecendo essa rápida familiaridade dos sêres que se encontram isolados. — Se quer, empresto-lhe um pijama...

— Pois sim.

— Venha, então.

Entramos em casa. Ali, ela passou ao meu quarto e momentos depois surgia na sala onde eu a esperava, mais bela ainda sob o largo pijama que lhe acariciava o corpo. .

— O senhor tem uma casa magnífica! Pequena, mas artística... Vive sòzinho?

— Sòzinho.

— Então... quem lhe faz a comida? Quem lhe cuida das roupas?

— Uma pobre velhota de Cascais, que vem cá algumas horas por dia ..

— E não se aborrece desta solidão?

— Não; pelo contrário!

— Estou com frio. Dê-me um cálice de qualquer coisa... Olhe: não tem café?

— Não. Isto é: tenho, mas por fazer...

— Não faz mal! Faço-o eu. Onde é a cozinha?

Um pouco surpreendido com aquele à vontade da minha hóspede, mas encontrando encanto à naturalidade com que ela, na árvore da conversa, saltava de ramo para ramo e de quando em quando dependurava uma interrogação, acompanhei-a à cozinha.

— Ui! Que escuridão! Acenda a luz — disse ela, ao entrar.

Obedeci-lhe e em poucos momentos havia lume no fogão e água quente filtrando-se, entre uma espuma parda, pelo saco do café.

— E o senhor, o que faz? É doente? Está aqui a curar-se?

— Não, que ideia!

— Então?

— Exilo-me da humanidade...

— Mas isso não é profissão...

— Ah! a minha profissão... Será a que você quizer... Poeta, filósofo, doido... O que quizer! De prático, só faço umas crónicas para jornais ingleses...

Olhou-me de alto a baixo, em silêncio e logo disse:

— Onde diabo estará o açúcar?

— Certamente na sala de jantar...

— Ah! Então vamos depressa, porque já amanhece, e eu preciso de regressar...

Deixamos a cozinha: ela, carregada com a cafeteira fumegante; eu, a indicar o caminho... Na sala de jantar, encheu duas chávenas, serviu-me de açúcar e mal eu havia tomado o primeiro gole, já ela dizia:

— Pronto!

E pousava a chávena.

— Não se escaldou?

— Não. Estava com muito frio... E agora, adeus! É verdade! Eu moro no Estoril... Vivenda Leonilde... Teria muito gôsto em o receber lá, para o apresentar aos meus e para lhe agradecer a sua hospitalidade...

— Não prometo...

— E se eu lhe pedir... ?

— Sou um selvagem. Um homem anti-social...

— Se eu lhe pedir?

— Veremos...

— Lá o espero. O senhor não preguntou sequer o meu nome...

— Perdoe-me...

— Tenho o nome da vivenda... Leonilde. Adeus! Vá amanhã de tarde...

Alcançou a porta e partiu sob a manhã nascente... Da janela, ainda a vi afastar-se, remando, remando, na sua pequena e veloz *yole*.

*Setembro, 13.*

Afinal, não vou, não vou — não vou! Para quê ir? Romper-se-ia o encanto, viria a humanidade, as desilusões de sempre. Tenho vontade de ir, mas não vou! Devo socorrer-me da minha já triste experiência .. Devo dominar-me... Quanto tenho sofrido, por ser sincero, expontâneo e humano! Mas agora estou precavido: não vou! Amanhã, depois, te-la-hei olvidado e sem sofrimento. Preciso de colar em tôdas as paredes da alma, do coração, do cérebro e da vontade êste cartaz: «Não vou!»

*Setembro, 14*

Não fui eu, mas veio ela. Veio acompanhada do marido — um homem alto, já de cabelos brancos, já edoso... Porque casaria Leonilde com um homem muito mais velho do que ela? Por ser rico?

Agradeceu-me tudo o que eu fizera pela esposa .. Mas, apesar das suas palavras de louvor e de ter dito que já lera e admirara algumas crónicas minhas, eu não simpatisei com êle.

Demoraram-se meia hora. Ela pouco falou. Quási que se limitou a devolver-me o pijama e a pedir o fato que aqui deixou. Já não era a mesma do outro dia. E eu teria ficado triste se, à despedida, ela não insistisse, não insistisse, para que eu os visitasse. .

Desta vez não pude recusar... Terei de ir. .

*Setembro, 15*

A vivenda de Leonilde é explêndida, moderna, confortável. Tem decorações cubistas, tal qual o meu gabinete de trabalho. Possui também um grande jardim onde é agradável passar as horas vesperais. Talvez porque da minha janela nunca vejo uma árvore, senti-me bem ali.

Leonilde voltou a ser a mulher do primeiro dia — daquela madrugada em que esteve a sós comigo, nesta casa silenciosa. Seria porque o marido se encontrava ausente?

Soube hoje que ela foi educada na Alemanha. Por isso, talvez, se explica aquela naturalidade, aquele à vontade, com que procede em todos os casos. Sem essa justificação, eu diria que Leonilde estava apaixonada por mim ..

Mas não; não pode ser! Eu é que não devo prosseguir estas relações. Sinto que o coração acabaria por triunfar sôbre o cérebro — e não posso e não quero viver dramas inúteis. A humanidade não merece nenhum sacrifício!

*Setembro, 18.*

Leonilde obstina-se em quebrar a minha solidão. Esta carta é mais do que um desafio à minha tranquilidade: é uma chama que a queima.

«Hoje danço no Casino Internacional. O primeiro *fox* será para você. Não falte—*Leonilde*».

*Setembro, 19.*

Ontem não resisti e fui. E dancei. E tive a audácia de dizer a Leonilde um galanteio. Quem diria? Quem diria que aquele homem de cabelos brancos, que a acompanhou a minha casa, tinha um mistério? Afinal não era marido de Leonilde. Ontem eu soube tudo. Ela quis brincar comigo; quis saber se algum ciume, por vago que fôsse, eu denunciaria ante aquele homem, depois da noite em que ela esteve aqui sòzinha... Leonilde é solteira, solteira e livre — e o seu companheiro de há dias é apenas um parente bonacheirão, que serviu de comparsa na comédia que ela quis representar comigo ..

Minha nobre solidão, que estás para sempre perdida! Leonilde disse-me ontem, que me amava também...

*Setembro, 30.*

Encerro o mês com o encerramento da minha vida solitária. Estou hoje convencido que na humanidade também há excepções. O homem é bom ou mau conforme a situação em que está perante nós. E mesmo que todos fôssem maus, não o é Leonilde — e isso me basta. Casaremos amanhã.

*Outubro, 6.*

Só ontem, num momento de enlêvo e de confidências, ela me contou tudo, tudo! Afinal, também não houve naufrágio, não houve terror, naquela madrugada em que ouvi um grito... Tudo isso foi também comédia — uma comédia que Leonilde inventou para se aproximar de mim, para se relacionar comigo, para me conhecer. Intrigava-a a minha solidão, atraía-a o meu orgulho.

— A tua janela iluminada no negrume da noite, exercia sôbre mim a fascinação duma dessas luzes onde as mariposas vão queimar as suas trêmulas azas — disse-me ela. — Eu tinha sonhado para marido um homem singular, um homem que não fôsse igual aos outros — um homem como tu. E encontrei-te, meu amor!

Penitenciou-se a minha ingenuidade e naquelas palavras o meu isolamento encontrou uma nobre glorificação.

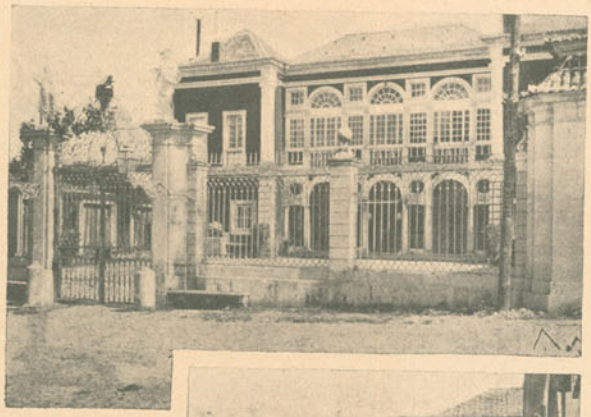
FERREIRA DE CASTRO.

# A CASA PORTUGUESA

## QUINTA DOS MARQUÊSES DE FRONTEIRA

### BEMFICA

ESTA CONHECIDA QUINTA É UMA DAS RESIDÊNCIAS MAIS NOTÁVEIS DE PORTUGAL. DATA A SUA CONSTRUÇÃO DO SÉCULO XVII, SENDO SEU FUNDADOR D. JOÃO DE MASCARENHAS, 2.º CONDE DA TORRE E 1.º MARQUÊS DE FRONTEIRA. AINDA HOJE É PROPRIEDADE DOS SRS. CONDES DA TORRE. NAS FESTAS QUE ULTIMAMENTE ALI SE DERAM, A MAGNIFICÊNCIA DO PALÁCIO E DOS JARDINS DESLUMBROU OS CONVIDADOS



NOBRE É O AMPLO PÁTIO DA ENTRADA, COM SEU PORTÃO BRASONADO

O TERRAÇO DA CAPELA, PARA ONDE DÃO ALGUMAS DAS SUNTUOSAS SALAS, É RIQUÍSSIMO DE CÔR E DE PITORESCO. DA ESPLÊNDIDA POLICROMIA DE AZULEJOS PINTADOS E DE ALEGRETES FLORIDOS, SOBRESAIEM COM INFINDA GRAÇA ESTÁTUAS DE MÁRMORE DOS DEUSES DA MITOLOGIA ANTIGA, E NO ALTO DAS PAREDES, UMA SÉRIE DE MEDALHÕES NO GÔSTO DOS DELLA ROBBIA DÁ A ESTE TERRAÇO ÚNICO SUA NOTA DE TRIUNFO

NA FRENTE DA CAPELA, Á LAIA DE GALILÉ, DELICADA ARQUITECTURA OSTENTA — TODO DE FRUTOS E FLORES — O MOTIVO REPETIDO DAS FACHADAS DO PALÁCIO: ENTRE QUADRADOS UM SEMICÍRCULO

*No próximo número publicará a Ilustração outros aspectos dêste notabilíssimo palácio*

# A LETRA ENCARNADA

## Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

*(Continuação do n.º 21)*

*Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.*

O amor, quando renasce, ou desperta de um sono quási de morte, há de sempre criar luz que tanto encha o coração que haja de transbordar para o mundo exterior. Mesmo que a floresta ainda conservasse a mesma tristeza, mostrar-se-ia radiante aos olhos de Hester, radiante aos olhos de Arthur Dimmesdale!

Hester olhou para êle com o estremecimento de outra alegria.

— Tens que travar conhecimento com Pearl! — disse ela. — A nossa pequenina Pearl! Já a tens visto — sim! bem sei! — mas vê-la hás agora com outros olhos. É uma criança bem singular! Custa-me a entender! Mas tu hás de lhe querer muito, como eu lhe quero, e aconselhar-me sôbre o modo como hei de haver-me com ela.

— Achas que a criança gostará de travar conhecimento comigo? — preguntou o padre com certa inquietação. — De há muito que fujo das crianças, porque muitas vezes me mostram desconfiança — pouca vontade de se darem comigo. Tenho chegado a ter mêdo da pequenina Pearl!

— Ah! isso é triste! — respondeu a mãe. — Porêm ela há de querer-te muito, e tu a ela. Não está longe. Vou chamá-la. Pearl! Pearl!

— Estou a vê-la — observou o padre. — Lá está ela, num raio de sol, lá adiante, do outro lado do ribeiro. Achas então que a criança me há de querer bem?

Hester sorriu-se e tornou a chamar Pearl, que se via, a alguma distância, conforme o padre a tinha descrito, como uma visão revestida de luz, num raio de sol, que vinha ter com ela através de uma arcada de ramos. O raio de sol tremia e oscilava, tornando a figura dela ora vaga ora clara — ora a de uma criança real, ora a de um espírito de criança — à proporção que a claridade ia e vinha. Pearl ouviu a voz materna, e aproximou-se lentamente através da floresta.

Não sentira a pequenina pesar-lhe muito o tempo, emquanto a mãe falava com o padre. A grande floresta escura — por triste que parecesse àqueles que vinham para ela trazendo no coração as culpas e cuidados do mundo — tornou-se, o melhor que sabia, companheira dos brinquedos da solitária criança. Sombria como era, esboçou o seu melhor sorriso para a acolher. Ofereceu-lhe as bagas de perdiz, aparecidas no outono anterior, mas que só amadureciam na primavera, e agora estavam encarnadas como gotas de sangue sôbre as fôlhas mortas. Pearl colheu delas, e agradou-lhe o sabor acre. Os pequenos habitantes dos bosques mal se deram ao trabalho de se desviar de seu caminho. Uma perdiz, em verdade, com um rancho de dez filhos, correu para a frente a ameaçá-la, mas logo se arrependeu da arremetida e pareceu dizer às avezinhas que não tivessem mêdo. Um pombo, sòzinho num ramo a pouca altura, deixou que Pearl passasse por baixo, e emitiu um som tanto de saüdação como de alarme. Um esquilo, da alta espessura da árvore onde morava, rouquejou irado ou contente — porque o esquilo é uma criaturinha tão colérica e tão alegre que é difícil distinguir em que disposição está — mas rouquejou para a criança, e atirou-lhe com uma noz à cabeça. Era uma noz do outro ano, e já mordida pelo seu dente agudo. Uma raposa, despertando de seu sono ao sentir o passo leve sôbre as fôlhas, olhou com curiosidade para Pearl, como não sabendo se melhor seria afastar-se, ou recomeçar o sono ali mesmo onde estava. Um lôbo, dizem — mas aqui a narrativa entrou decerto pelo improvável — veio cheirar o vestido de Pearl e oferecer às suas festas a cabeça brava. Mas a verdade parece ser que a floresta-mãe, e estes entes bravos que nutria, todos reconheceram na criança humana uma índole bravia conforme à sua.

E aqui era ela mais mansa que nas ruas da colónia, ladeadas de faixas cobertas de erva, ou na cabana materna. Pareciam as flores percebê-lo, e uma ou outra lhe segredava à passagem: — Enfeita-te comigo, linda criança, enfeita-te comigo! — e, para comprazer, Pearl colhia as violetas, e as anémonas, e as columbinas, e alguns raminhos dos mais verdes, que as árvores deixavam pender até a altura de seus olhos. Com estes ramos e flores adornara o cabelo e a cinta infantil, e tornara-se uma ninfazinha, ou uma dríade menina, ou o que quer que fôsse que mais de perto se ajustasse à vida daquela antiga floresta. Assim estava Pearl enfeitada quando ouviu a voz da mãe, e voltou devagar para o pé dela.

Devagar — porque viu o padre!

### XIX

#### AO PÉ DO REGATO

Hás de querer-lhe muito — disse Hester Prynne, emquanto ela e o padre olhavam para a pequenina Pearl. — Não a achas bela? E vê tu com que natural jeito ela se enfeitou com aquelas flores tão simples! Se pérolas, e diamantes, e rubis houvera colhido na floresta, não lhe ficariam melhor que aquelas flores! É uma criança admirável. Mas eu sei de quem é a testa que ela tem!

— ¿Sabes, Hester, — disse Arthur Dimmesdale, com um sorriso inquieto — que esta pequenina querida, que anda sempre a teu lado, me tem já feito muito susto? Parecia-me — oh, Hester, que pensamento êste, e que terrível receio! — que as minhas feições em parte se reproduziam em seu rosto, e tão manifestamente que todos as poderiam ver! Mas a maior parte dela é tua.

— Não, a maior parte não! — respondeu a mãe, com um sorriso de ternura. — Espera um pouco mais, e não terás dúvida em reconhecer-lhe no rosto de quem ela é filha. Mas que estranhamente bela fica a pequenina com aquelas flores bravas no cabelo! É como se uma das fadas, que deixámos na querida Inglaterra, a adornara assim para vir ter connosco.

Foi com um sentimento que nenhum dêles tinha ainda experimentado que, ali sentados, viram Pearl aproximar-se lentamente. Era visível nela o laço que os prendia. Andara exposta ao mundo, durante aqueles sete anos, como o hieroglífico vivo em que se revelava o segrêdo

que êles tanto buscavam esconder — todo escrito neste símbolo — todo claramente manifestado — se mago houvesse, ou profeta, capaz de ler êsse sinal flamejante! E Pearl era a unidade dos seus dois sêres. Fôsse qual fôsse o mal passado ¿como poderiam êles duvidar de que suas vidas terrenas e destinos futuros estivessem ligados, quando estavam a ver a um tempo a união material e a idea espiritual em que se encontravam, e em que imortalmente haveriam de residir juntos? Com estes pensamentos — e talvez ainda outros, que êles não confessavam nem definiam — Hester e o padre contemplavam gravemente a criança que se aproximava.

— É preciso que ela não veja cousa alguma fora do costume — nem paixão nem ansiedade — no modo como lhe falares — advertiu Hester. — A nossa Pearl é por vezes um elfozito caprichoso e fantástico. E sobretudo não suporta a emoção quando não compreende bem porque e a que vem. Mas é uma criança capaz de grandes afectos! Quer-me bem, e também te há de querer a ti!

; Tu não podes imaginar — disse o padre, olhando de lado para Hester Prynne — quanto o meu coração receia êste encontro, e quanto o deseja! Mas, em verdade, como te disse, não é fácil que as crianças se resolvam a dar-se comigo. Não me sobem para os joelhos, nem me falam ao ouvido, nem correspondem ao meu sorriso; mas afastam-se e olham-me com estranheza. Até as crianças de colo, quando pego nelas, choram amargamente. Todavia a Pearl já duas vezes foi boa para mim! A primeira vez — sabes bem qual foi! A outra foi quando a levaste contigo a casa daquele velho governador severo.

— E quando tu falaste tanto de alma em favor dela e meu! — respondeu a mãe. — Bem me lembro; e Pearl também se há de lembrar. Não tenhas receio dela! Poderá ser que, a principio, ela se mostre estranha e esquiva, mas não tardará que aprenda a querer-te bem!

A êste tempo já Pearl tinha chegado à margem do regato, e estava do lado de lá, olhando em silêncio para Hester e para o padre, que a esperavam, sentados ainda lado a lado no tronco musgoso da árvore caida. Ali onde ela parara, o regato alargava-se, formando uma pequena lagoa, tão quieta e lisa que reflectia uma perfeita imagem da sua figurinha, com todo o pitoresco brilhante da sua beleza adornada de flores e de folhagem entrelaçada, porém mais suave e espiritual do que em realidade era. Essa imagem, quási absolutamente idêntica à Pearl viva, parecia transmitir à própria criança alguma parte do seu carácter vago e intangível. Era estranho o modo como Pearl estava, olhando tão fixamente para êles através do meio vago das sombras da floresta, glorificada por um raio de sol, atraído para ela por misteriosa simpatia. Em baixo, no regato, estava outra criança — outra e a mesma — e também com o seu raio de sol. Hester sentiu-se, de um modo indistinto e torturante, afastada de Pearl, como se a criança, em seu passeio solitário pela floresta, houvesse saído da esfera em que ela e a mãe moravam juntas, e agora baldadamente pretendesse vir outra vez para ela.

Havia nesta impressão uma parte de verdade e outra de êrro: filha e mãe tinham-se afastado uma da outra, mas por culpa de Hester, e não de Pearl. Desde que ela saira de ao pé da mãe, outra pessoa fôra admitida no círculo dos sentimentos desta, e a tal ponto modificara o aspecto de todos êles, que Pearl, ao voltar do seu passeio, já não achou o mesmo lugar, nem já sabia bem onde se encontrava.

Estou a imaginar uma cousa estranha, — observou o padre, sensível como sempre — que êste regato é a fronteira entre dois mundos, e que nunca mais encontrarás a tua Pearl. ¿Ou é ela um elfo, a quem, como dizem as lendas da nossa infância, é proïbido atravessar a água corrente? Peço-te que lhe dês pressa, pois esta demora já me está a fazer tremer os nervos.

— Vem, filhinha! — disse Hester, animando-a e estendendo para ela ambos os braços. — Que tempo que levas! Nunca te vi tão vagarosa. Está aqui um amigo meu, que há de ser também teu amigo. Terás, de hoje em diante, duas vezes o amor que tua mãe, sòzinha, te poderia dar! Salta o regato, e vem até nós. Tu sabes saltar como uma corçazinha!

Pearl, sem corresponder de qualquer modo a estas expressões doces, deixou-se ficar do outro lado do riacho. Ora fixava na mãe os olhos vivos e estranhos, ora os pregava no padre, ora incluía a ambos no mesmo olhar, como a descobrir, e explicar a si mesma, a relação que entre êles havia. Por alguma razão inescrutável, quando Arthur Dimmesdale sentiu sôbre si o olhar da criança, a sua mão — naquele gesto tão habitual que se lhe tornara involuntário — pousou-lhe sôbre o coração. Por fim, assumindo uma atitude singular de autoridade, Pearl estendeu a mão, com o indicador destacado, apontando evidentemente para o peito da mãe. E em baixo, no espelho do regato, estava a imagem florida e luminosa de Pearl, apontando também com o dedinho.

— Louquinha, porque não vens ter comigo? — exclamou Hester.

Pearl continuou a apontar com o indicador, e a fronte contraíu-se-lhe — num cenho tanto mais impressionante, que eram de criança, quási de infante, as feições em que se manifestava. Como a mãe continuasse a acenar lhe, vestindo o rosto de um trajo domingueiro de desacostumado sorriso, a criança bateu o pé com ar e gesto ainda mais imperioso. E lá estava, também desta vez, no regato, a beleza fantástica da imagem, com a expressão carregada, o dedo apontado, e o gesto imperioso, a dar ênfase ao aspecto da pequenina.

— Depressa, Pearl, ou me zango contigo! — exclamou Hester Prynne, que, por acostumada que estivesse a êste género de procedimento da parte da estranha criança, em outras ocasiões, se sentia naquele instante naturalmente ansiosa porque a filha se houvesse com mais propósito. — Salta o regato, màzinha, e corre para aqui! Senão, tenho eu que te ir buscar!

Mas Pearl, nada assustada com as ameaças da mãe, nem rendida a suas súplicas, rompeu de repente num ataque de fúria, gesticulando com violência, e dando à sua figurinha as contorsões mais extravagantes. Êste arranco furioso acompanhou-o ela de gritos estridentes, que a floresta de todos os lados repercutia; de modo que, a pesar de isolada na sua ira infantil e inexplicável, parecia que uma multidão invisível lhe estava dando aplauso e apoio. E no regato via-se reflectida a ira na imagem de Pearl, com coroa e cinta de flores, mas a bater o pé, a gesticular com fúria e, no meio de tudo, a apontar sempre com o dedinho para o peito de Hester!

— Já sei o que tem a criança — segredou Hester ao padre, empalidecendo a pesar do grande esfôrço que fêz para encobrir a sua perturbação e vexame. — As crianças não gostam de mudanças, por mais pequenas que sejam, no aspecto costumado das cousas que vêem todos os dias. Pearl está a sentir a falta de uma cousa que sempre me tem visto trazer.

— Peço-te — respondeu o padre — que, se tens alguma maneira de sossegar a criança, uses dela sem demora! A não ser a ira sinistra de uma bruxa velha, como a senhora Hibbins — acrescentou êle, esforçando-se por sorrir — não há cousa com que eu não quisera antes defrontar-me que com tal cólera numa criança. Na beleza infantil de Pearl, como na bruxa engelhada, faz um efeito de cousa fora da natureza. Sossega-a, se me tens amor!

Voltou-se Hester outra vez para Pearl, com vivo rubor nas faces, lançando obliquamente para o padre um olhar significativo; depois soltou um suspiro fundo, e, mesmo antes que tivesse tempo de falar, ao rubor sucedeu uma palidez de morte.

— Pearl, — disse ela tristemente — olha aí aos teus pés! Olha! adiante de ti! do lado de cá do regato!

A criança dirigiu o olhar para o sítio indicado: lá estava a letra encarnada, tão perto da margem do regato que o bordado de ouro nêle se reflectia.

— Trá-la cá! — disse Hester.

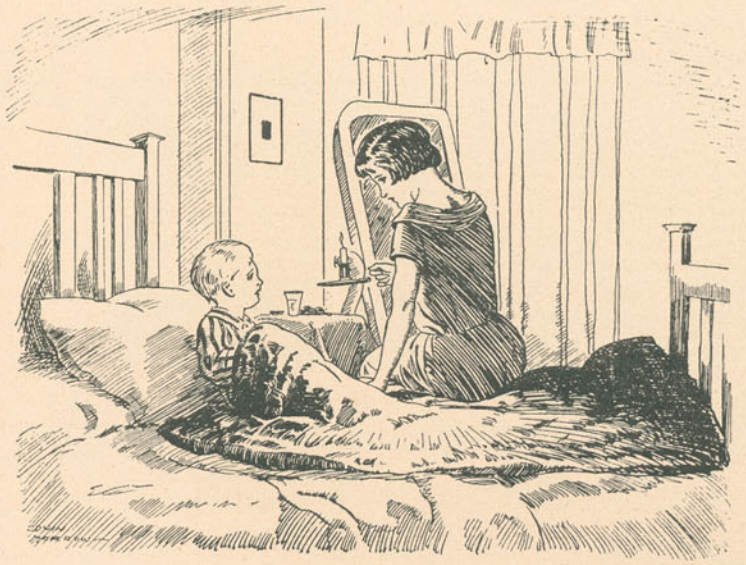
— Vem tu buscá-la — respondeu Pearl.

— Já se viu uma criança como esta! — observou Hester, à parte, para o padre. — Oh, tenho muito que te dizer dela! Mas, em boa verdade, ela tem razão quanto a êste sinal odioso. Terei que sofrer o tormento dêle ainda um pouco de tempo — só mais alguns dias — até que tenhamos saído dêstes sítios, e não mais neles pensemos senão como numa terra com que tivéssemos sonhado. A floresta não o pode esconder! O alto mar o receberá da minha mão, e o engolirá para sempre!

*(Continua.)*

# PASSATEMPO

## ONDE ESTAVA A DIFERENÇA



*A mãe:* — Porque choras tu aqui por estares às escuras? Em casa não choras quando está escuro.
*Antoninho:* — Pois sim, mas é que não é o mesmo escuro!

## PALAVRAS CRUZADAS

*(Solução do n.º 21)*

| | | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| S | | | M | A | | | D | A | D | O |
| I | R | | I | A | | | E | T | A | | B |
| V | I | | | | | | | | | | E |
| A | | M | E | | | | | P | A | | L |
| | S | A | L | | | | | A | R | | I |
| M | A | I | S | | | | | E | | | G |
| I | | O | A | | | | | S | I | N | E |
| | M | | | | | | | | I | R |
| V | A | | L | A | M | A | | C | | L | A |
| I | R | | E | M | I | R | | A | | O | N |
| V | | | D | A | M | A | | M | | | T |
| A | Z | | A | R | O | S | | A | R | T | E |

■ ■ ■

*O marido:* — Não sei se sabes, minha querida, que são precisas três quartas partes do meu ordenado para pagar as contas da tua modista?

*A mulher:* — Ah! e que fazes ao resto do dinheiro?

■ ■ ■

## DE SCYLLA EM CHARIBDES

O Aniceto está furioso com o Torquato.

— Que te parece! — lastimava-se êle ao seu amigo Evaristo. Aquele miserável chamou-me idiota.

— Não faças caso — respondeu o Evaristo — o Torquato é um espírito superficial. Só sabe julgar as pessoas pela aparência.

## EVIDENTEMENTE

— O senhor não será um individuo que encontrei em Coimbra?

— Coimbra? Não, nunca lá estive.

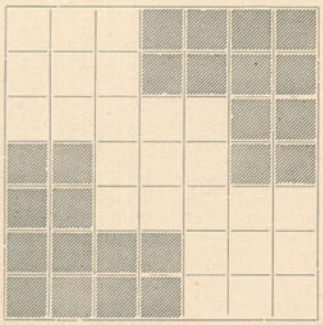
— Nem eu, tão pouco. Então não fomos nós, foram outras duas criaturas quaisquer.

■ ■ ■

— A D. Isaura é uma mulher muito sociável; sempre que tem meia hora para desperdiçar vai visitar alguem que a não tem.

## PALAVRAS CRUZADAS

*(Passatempo)*



| | | | | |
|---|---|---|---|---|
| U | U | M | M | M |
| M | M | M | A | A |
| A | A | E | E | E |
| E | L | L | I | I |
| I | C | C | F | V |

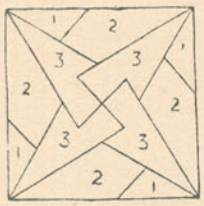
Definições:

Nome de mulher. — O que as abelhas fazem. — Finalmente. — O que não presta. — Planta pouco conhecida. — Uma quantidade. — Numeral cardinal. — Artigo indefinido.

■ ■ ■

## PUZZLE

*(Solução)*



*Procurem mais oito jogadores de* foot-ball, *que os hão de encontrar.*

# BIBLIOGRAFIA PORTUGUESA

EXTRACTO DA RELAÇÃO DAS OBRAS REGISTADAS NA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA EM OUTUBRO DE 1926

## LITERATURA

BASTO (CLÁUDIO) — *Comparações tradicionais portuguesas.* (Breve contribuição para o seu estudo). — 61 p. 8.° — 2$50.

BOCAGE — *Sonetos.* Nova ed., precedida do retrato e da biografia do poeta. — 230 p. 8.° — 6$00.

C. C. — *Duas églogas — Camões e Bernardes.* Subsidios para a história da literatura portuguesa. — 121 p. 8.° — 10$00.

CÉSAR (AMILCAR) — *Tratado de ortoépia inglesa.* - 48 p. 8.° — 5$00.

CHANTEPLEURE (GUY) — *A Esphinge branca.* (Romance). Trad. de José Agostinho. — 282 p. 8.° — 10$00.

CORREIA LOPES (EDMUNDO ARMÉNIO) — *Cancioneirinho de Foz-coa.* Contribuição para a história e critica da música do povo português. — XVII, 239 p. 8.° — 15$00.

FIGUEIREDO (CANDIDO DE) — *Novo dicionário da lingua portuguesa.* 4.ª ed. — 2 vol. 8.° — 250$00.

FORJAZ DE SAMPAIO (ALBINO), organizador — *Latino Coelho, a sua vida e a sua obra.* (Colecção Patricia). — 16 p. c. grav. — 2$50.

GAELL (RENÉ) — *As joias da princesa.* (Romance). Trad. de Sousa Martins. — 328 p. 8.° — 10$00.

GRAÇA JÚNIOR (AMÉRICO DA) — *As Grilhétas no amor.* Versos. — 14 p.

L'ERMITE (PIERRE) — *As que não casam.* Romance. (Versão de Maria de Carvalho). — 204 p. 16.° c. capa il. e grav. — 5$00.

LOPES (DAVID) — *Toponimia arabe de Portugal.* Estudo. 19 p.

MALTA (EDUARDO) — *O Papagaio azul.* Contos infantis. (Biblioteca Pim-Pam-Pum. V vol. — 34 p. il. pelo A. — 5$00.

MARIALVA (OCTÁVIO) — *O Bebedor de sangue.* — 48 p. 4.°

MARIALVA (OCTÁVIO) — *Iokanan* ou o *Bailado de Salomé.* (Versos). — 45 p. 8.°

REBELO DA SILVA (L. A.) — *Contos e lendas.* 3.ª ed. — 276 p. 8.° — 6$00.

RICHET (CHARLES) — *A Porta do mistério.* Romance. Trad. de Virginia de Castro e Almeida. — 163 p. 8.° — 7$50.

ROCHA MARTINS — *O Homem dos dois corações.* Novela. — 93 p. 8.° c. capa il. — 3$00.

RODRIGUES LAPA et CAMARA REIS — *La Douce France.* — 218 p. 8.° c. grav. — 7$50.

SARDINHA (ANTÓNIO) — *Na Feira dos mitos.* Idéas e factos. — 318 p. 8.° — 12$50.

VILHENA (HENRIQUE DE) — *Cartas de amor de Emilia Landal a Flavio de Montemór.* — 108 p. 8.° — 10$00.

## SCIÊNCIAS E ARTES

BAÇAM CORREIA (A. N.) — *Como vencer pela nossa vontade.* Influência pessoal e sugestão. — 77 p. 8.° — 3$50.

CARVALHO (LOPO DE) — *O Tratamento da tuberculose pulmonar pela sanocrisina.* (Resultados imediatos). — 55 p. 8.° c. 16 est.

COLAÇO (ALVARO) — *A Cadeira de medicina operatória.* O seu ensino e as suas necessidades. (Faculdade de Medicina de Lisboa). — 29 p. 8.°

FARIA ARTUR (A. M.) e DIAS LOURO (A.) — *Lições de sciências naturais.* (Ensino primário geral 3.ª classe). — 120 p. 8.° c. grav. — 4$50.

PALMA DE VILHENA (DR.) — *Guia agricola prático e portátil.* 2.ª ed. — 213 p. 8.° — 12$00.

RODRIGUES LOBO (LUIS ANTÓNIO) — *A Educação física através dos tempos — A Meteorologia dos «Lusiadas».* — 31 p. 8.°

UGHETTI (G. B.) — *Três grandes inimigos da medicina.* Versão de Arlindo Varela. — 28 p. 8.° — 7$50.

WEYGANDT (PROF. DR. WILHELM) — *O tratamento moderno da paralisia geral.* — 16 p.

## HISTÓRIA E GEOGRAFIA

BOTELHO MONIZ (JORGE) — *O 18 de Abril.* (Elementos para a história duma revolução vencida). 2.ª ed. — 357 p. 8.° — 10$00.

COSTA (A. TEIXEIRA FELIX DA) — *Os Pelourinhos.* Estudo histórico. — 20 p. 8.°

LEITE DE VASCONCELOS (J.) — *Mês de sónho.* Conspecto de etnografia açórica. — 319 p. 8.° — 12$50.

MORAIS E CASTRO (ARMANDO AUGUSTO GONÇALVES DE) e PEREIRA CARDOSO (ANTÓNIO) — *Uma Viagem através das colónias portuguesas.* — 241 p. 8.° — 10$00.

PESSOA (ALBERTO) — *J. J. da Gama Machado.* O Homem e a obra — O Legado á Universidade de Coimbra. — 165 p. 8.° c. est. — 20$00.

PRESTAGE (EDGAR) — *Frei Domingos do Rosário, diplomata e politico.* (1595-1662). — 75 p. 8.° — 6$00.

SILVA (MANUEL) — *O Brazão da Povoa de Varzim.* Notas heraldica-juridicas sôbre a sua existência e legitimidade. — 53 p. 8.°

TEIXEIRA DE SAMPAIO (LUIS) — *O Arquivo histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros.* (Subsidios para o estudo da história da diplomacia portuguesa). — 139 p. 8.° — 12$00.

VIEIRA (JÚLIO) — *Torres Vedras antiga e moderna.* — 233 p. 8.° c. est. — 25$00.

## RELIGIÕES

FERREIRA PINTO (A.) — *Lições de teologia pastoral e eloqüência sagrada.* (Cânon 1365). — 368 p. 8.° — 15$00.

LINDOSO (ANTÓNIO) — *Santo Antonio de Lisboa.* Com duas palavras prévias de V. M. — 40 p.

MICAEL TELES (RICARDO) — *Povorello de Assis, poeta e santo.* Estudo histórico-arqueológico. — 54 p. c. grav.

## BIBLIOGRAFIA

CATÁLOGO *de livros raros e curiosos dos séculos* XV, XVI, XVII, XVIII e XIX. — 151 p. 8.°

## BELAS ARTES

LEITÃO DE BARROS — *Elementos de história de arte.* Aprovado para as 4.ª e 5.ª classes dos liceus. — 211 p. 8.° il. — 20$00.

PINHEIRO (ANTÓNIO), seleccionador, tradutor e anotador — *Estética e plástica teatral.* Vol. I. — 365 p. 8. — 20$00.

SILVEIRA PAIS — *Técnica do orfeonista.* Noções elementares de música. Solfejos a duas voz s. Exercicios orfeónicos. — 96 p. 8.° — 5$00.

## SCIÊNCIAS CIVIS

CARQUEJA (BENTO) — *Economia politica.* Tomo I. Noções gerais. História. — 618 p. 8.° — 25$00.

CONVENÇÃO, *acordos e regulamentos celebrados no Congresso Postal de Estocolmo.* — 193 p. 8.°

ESTATUTOS *da Sociedade dos Escritores Portugueses.* — 12 p.

FERREIRA (JOAQUIM) — *Problemas nacionais.* — 255 p. 8.°

SANTOS LOURENÇO — *Das Sociedades por cotas.* — Comentario á lei de 11 de Abril de 1901. I vol. — Art. 1.° a 25.° — 288 p. 8.° — 30$00.

## POLIGRAFIA

ALMANACH *Bertrand* — 1927. — 366 p. 16.° il. — 10$00.

ALMANACH *das senhoras para 1927.* Portugal e Brasil. — 383 p. 8.° il. — 5$00.

ALMANAQUE (Novo) *de lembranças luso-brasileiro* para o ano de 1927. — 160 p. 544, VI p. 16.° il. — 5$00.

ALMANAQUE *de Santo Antonio para 1927.* — 288 p. 8.° il. — 3$50.

*As livrarias*

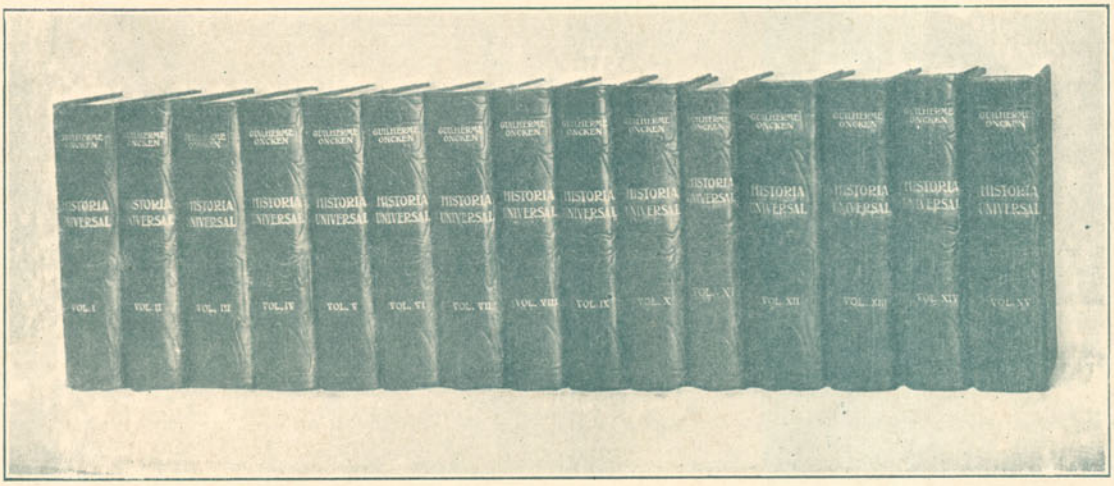
AILLAUD E BERTRAND

*dão gratuitamente tôdas as informações às consultas bibliográficas que lhes sejam feitas e fornecem todos os livros nacionais e estrangeiros, sendo estes vendidos ao cámbio do dia*

ASSINATURAS DA «ILUSTRAÇÃO»

| | Trimestre | Semestre | Anual |
|---|---|---|---|
| CONTINENTE E ILHAS | Escudos 22$00 | Escudos 44$00 | Escudos 88$00 |
| AFRICA OCIDENTAL E ORIENTAL | » 25$00 | » 50$00 | » 100$00 |
| ÍNDIA, MACAU E TIMOR | » 27$00 | » 54$00 | » 108$00 |
| ESPANHA | » 24$00 | » 48$00 | » 96$00 |
| ESTRANGEIRO | » 32$00 | » 64$00 | » 128$00 |

# OBRA MONUMENTAL

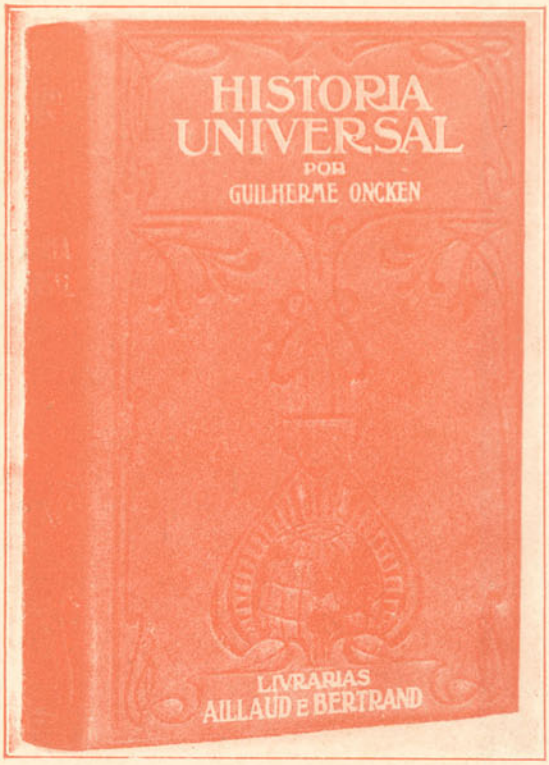


# HISTORIA UNIVERSAL

POR

## GUILHERME ONCKEN

Publicação em português dirigida e ordenada primitivamente por *Consiglieri Pedroso* e presentemente pelo *Dr. Manuel de Oliveira Ramos*, lente da Faculdade de Letras de Lisboa. A mais completa, a mais scientifica, a única que nos nossos dias constitui matéria de fé em todos os problemas e questões históricas. A primeira da actualidade. A obra de maior vulto que neste género se tem tentado em língua portuguesa. Profusa e ricamente ilustrada a côres, com reproduções de quadros célebres representando batalhas, costumes, etc.; de monumentos, armas, objectos de arte, tipo de raças, grandes figuras históricas, autógrafos, páginas manuscritas, iluminuras, etc., etc. Impressa em explêndido papel, hors-textes em papel couché, in-4.°. — Encadernação própria e cêrca de 1.000 páginas por cada volume.




*Já publicados:*
91 tomos = 15 volumes.

**10 °/. de desconto**

a todas as pessoas que adquirirem os 15 volumes duma só vez

Aceitam-se assinaturas desde o início, facultando-se a quem o desejar, a aquisição da obra a pouco e pouco, e longe de qualquer encargo pesado.

*A terminar brevemente a publicação.*

| | |
|---|---|
| Cada vol., enc. ..... | 65$00 |
| Cada tomo, br. ..... | 8$00 |
| Encadernação por cada vol. ..... | 25$00 |
| Capas para a encadernação ..... | 15$00 |

Pedidos aos editores: LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Quereis brindar vossos filhos?

Quereis que tomem gôsto pela leitura?

Quereis que aprendam a ler correntemente?

*Dai-lhes a ler até aos 7 anos, os livrinhos da*

# BIBLIOTECA INFANTIL

NA TERRA E NO MAR, CONTOS GREGOS E BONECOS FALANTES

*Dos 10 anos em diante:* ROMANCE DA RAPOSA

Cada volume, brochado . . . . 6$00
Cada volume, com encadernação especial . . . . . 10$00

**As melhores e mais bonitas histórias para crianças, por escritores portugueses e brasileiros**

. . ▪▪▪ . .

*Profusamente ilustradas a côres pelos melhores artistas nacionais e estrangeiros*

. . ▪▪▪ . .

**Pedidos às Livrarias**

AILLAUD E BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA